

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

FULVIO STEFANINI

ABRINDO AS GAVETAS

NILU LEBERT

Imprensa Oficial

Fulvio Stefanini

Abrindo as Gavetas

Fulvio Stefanini

Abrindo as Gavetas

Nilu Lebert

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo



Na peça Sua Excelência, o Candidato

Apresentação

Um grande prazer. Não há outra forma de definir o sentimento que me acompanhou durante o período da elaboração desta biografia. Até que ela ficasse pronta tivemos doze encontros, todos na casa de Fulvio que, ao lado da mulher Vera, me recebeu de braços (e gavetas!) abertos.

Já nos conhecíamos há muitos anos. Trocávamos algumas palavras, sorrisos e cumprimentos, mas ficava por aí. Dessa relação cordial eu podia intuir que se tratava de um casal afinado, simpático, afável. Cheguei a entrevistar Fulvio nos anos 1990, mas só agora, depois de um contato mais intenso e profundo, posso dizer que aquela impressão inicial se consolidou e foi acrescida de uma consistente admiração e de um carinho sempre crescente.

Rimos muito, durante nossas conversas. Fulvio tem um senso de humor apurado, é craque em imitações e sabe rir de si próprio e das adversidades do cotidiano com uma elegância impar. Sinal de maturidade? Talvez sim, talvez uma qualidade inata, talvez resultado do profundo respeito que ele demonstra pelos colegas e pelo ser humano em geral. Um cavalheiro, sem dúvida. Porém um cavalheiro que vai além do

politicamente correto, da chamada boa educação, porque permeia seus atos com afetividade.

Em nossos encontros na casa dos Stefanini, era ele quem preparava o café que tomávamos durante o trabalho. Vera chegava depois, trazendo tortas e docinhos, momento certo de fazermos uma pausa enquanto outro café era servido. E ali na cozinha, longe do computador, eles contavam casos, relatavam lembranças e emoções vividas a dois, como o encontro e a posterior amizade com Zélia e Jorge Amado – fato que incluímos neste livro.

12 Foi também na cozinha que vi Fulvio chorar. Sem nenhum pudor, ele chorou a morte do amigo Tchibuco, cachorro querido que os acompanhava há mais de uma década e que falecera subitamente na noite anterior. Ouvi comovida aquela história de companheirismo, de fidelidade, do exercício permanente de amor entre um homem e seu amigão de quatro patas. Aquela cena me fez pensar, e concluí que é preciso ser muito forte para conseguir explicitar a fragilidade diante de uma perda afetiva. Choramos juntos. Fulvio estava de luto.

No coração dos Stefanini os animais fazem parte da família, e, de tal forma, que eles já salvaram do abandono mais de duzentos cachorros, colocando-os em lares onde encontraram abrigo

e afeto. Me parece que isso basta para dar ao leitor a dimensão da generosidade, responsabilidade e humanidade que são a marca registrada do casal. Ainda que este livro seja a biografia de Fulvio, é difícil deixar de falar sobre Vera, já que a vida dos dois se fundiu de tal forma que é impossível desassociá-los.

Muito já foi dito sobre a arte do ator Fulvio Stefanini, que tem seu talento constantemente elogiado pelos críticos mais severos. No entanto, decidi transcrever aqui um trecho do artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em maio de 2010, e assinado por Mariângela Alves Lima. Ao comentar a peça *A Grande Volta*, ela evidencia nuances da arte de Fulvio ressaltando sua forma personalíssima de representar:

Não é fácil contabilizar, entre nossos atores profissionais, outros intérpretes com o mesmo preparo de Fulvio Stefanini para as sutilezas do verismo. Além do talento – que muita gente também tem e desperdiça –, esse ator veterano conservou um instrumental técnico que as escolas aos poucos vão abandonando, mas que é utilíssimo para um tipo de peça que vive da credibilidade das personagens. Todas as suas falas são inteligíveis graças à dicção precisa, perfeitamente ajustada ao volume da voz que soa exatamente como se fosse adequada à situação, e não endereçada à plateia.



Em A Grande Volta

Comentando com Fulvio essa alquimia de aliar a técnica com a veracidade do personagem, sem comprometer nem uma e nem outra, ele me disse que essa aptidão foi desenvolvida ao longo dos anos e é fruto de muita observação. *Sempre me pergunto qual pausa dar, para onde olhar, e qual seria a linguagem corporal desse ou daquele personagem diante de determinada situação. Eu acabo dando um toque de autor nos meus personagens, e isso tem funcionado!*, disse ele. Não me parece uma receita simples, mas com certeza o resultado é surpreendente. E de tal forma que Jorge Amado, ao conhecer Fulvio pessoalmente depois do sucesso do personagem *amadiano* na novela *Gabriela*, lhe disse: *O seu Tônico Bastos é melhor do que o meu!*

15

Na tela da TV, nos palcos ou na tela grande do cinema, você certamente conhece bem o Fulvio alquimista, artesão de tipos inesquecíveis em comédias ou dramas, vivendo heróis ou bandidos, mas sempre convincentes, sempre reais. Agora chegou a vez de lhe apresentar o Fulvio do dia a dia, com suas histórias pessoais, questionamentos, alegrias e dúvidas. Para tanto, basta você virar a página.

Nilu Lebert
agosto de 2010

À minha amada Vera, companheira e amiga de todas as horas que, com enorme sabedoria, segurou tantas barras. Aos meus queridos filhos Fulvio e Leonardo, que sempre me dão tanto orgulho. Aos meus queridos pais e irmãos que sempre me incentivaram. À Maria, que sempre cuidou com carinho da minha alimentação, até mais do que devia. E ao meu querido amigo Tchibuco, mais gente que cachorro e que deixou tanta saudade.

A todos, muito, muito obrigado.

Com todo afeto,

Fulvio

Agosto de 2010

Conheço Fulvio Stefanini há muito tempo. Não sei precisar desde quando, mas sei que minha admiração por ele só faz crescer. Recordo-me do apoio entusiástico que deu à minha primeira campanha eleitoral, assim como me recordo do susto de vê-lo como ator de novelas da Globo e bom ator. Mais tarde pude conviver com Fulvio no plano familiar, pois se casou com uma prima muito querida. Como pai, como marido, como amigo, nota dez. Mas o que conta mesmo é vê-lo no palco: aí sim, seu talento de ator, a dramaticidade que consegue transmitir aos espectadores, assim como a comicidade de que é capaz, sem ser piegas em qualquer das situações, mostram-se extraordinárias. E bom ator é aquele que deixa os anos trabalharem o corpo e a alma, que amadurece, ganha profundidade e não perde a leveza no desempenho nem a emoção contagiante. Este é o Fulvio Stefanini da maturidade.

Presidente Fernando Henrique Cardoso

Capítulo I

Encontro Marcado com a Arte

Durante a elaboração dessa biografia eu estava dividindo o palco do Teatro FAAP, em São Paulo, com o colega Rodrigo Lombardi no espetáculo *A Grande Volta*, do autor belga Serge Kribus, com direção de Marco Ricca. Meu personagem se chamava Boris Spielman, um ator decadente ainda em busca de representar o grande papel de sua vida, o conturbado Rei Lear. E é dele uma frase que sempre me faz pensar: *Se há uma coisa que eu sabia é que no teatro não se pode fingir*. De certa forma concordo com ele, porque sempre procurei fundamentar meus personagens na verdade, me propondo a buscar, dentro de mim, uma espécie de mediunidade para que o público acredite na ficção como sendo verídica. Assim como eu, o personagem Boris procurava a sinceridade no palco, embora sabendo se tratar de uma representação. Graças a ele, fui indicado ao prêmio Shell 2010 de melhor ator de teatro, mas só saberemos os resultados depois da publicação deste livro...

Prêmios são gratificantes e motivadores, sem dúvida, mas existem outros prêmios conquistados de maneira solitária que só o ator tem co-



Na peça A Grande Volta, com Rodrigo Lombardi



nhecimento e que são igualmente importantes. Um deles, no meu caso, é ter consciência de que o longo exercício da profissão me fez adquirir uma sintonia com a plateia e a percepção de que, a partir daí, é possível extrair dela reações e emoções. Não é fácil traduzir essa sensação, que chega a ser física. Mal comparando, é como se eu tivesse desenvolvido um faro semelhante ao daqueles cães treinados para detectar substâncias ilícitas nos aeroportos. Não tenho a intenção de me gabar, muitos outros atores têm essa condição de perceber quando o público está em sintonia com o espetáculo, e, também, quando ele se dispersa. Mas o melhor, o prêmio ao qual me referi, vem agora: no caso de sentir que a plateia se desliga da cena, me aparece a solução, que chega de forma absolutamente intuitiva e, sem que eu me afaste da representação e do personagem, me possibilita trazer o público de volta ao foco, ao espetáculo. Bastam alguns minutos para retomar a atenção dele. Mas não me pergunte como, não é uma receita única. É intuitiva, e, portanto, mágica. Percebo, no palco, o momento em que o público volta a se focar no espetáculo. É como se eu tivesse uma espécie de antena que me permite captar tudo o que acontece à minha volta. Pena que essa *mediunidade* não se estenda à vida real...

Neste livro, longe do palco e do empenho que envolve meu ofício, vou me colocar exatamente do jeito que sou para, aqui, me apresentar sem representar. E assim, conversando com você, conto agora minha história pessoal e profissional, ou ambas, já que elas se entrelaçam desde a minha infância. Isso mesmo, ainda menino eu já sabia e sentia que queria ser ator e, aos oito ou dez anos, o cinema era meu maior prazer e meu maior sonho. Eu me interessava especialmente pelo cinema brasileiro, via todos os filmes dos estúdios da Vera Cruz e da Atlântida porque eram feitos no meu país, e eu tinha a esperança de, um dia, vir a trabalhar neles. Já as comédias norte-americanas me pareciam ser um projeto inviável. Eu era ousado, mas chegar a Hollywood, imagine, seria inadmissível sonhar tão alto... No entanto, muitas décadas depois me surpreendi em Nova Jersey fazendo, para a HBO, a apresentação da última temporada da série *Família Soprano*.

23

Na infância estudei na Escola Estadual Caetano de Campos. O prédio, hoje tombado, é a sede da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. No primeiro ano fui o primeiro aluno da classe e, no último, consegui ser o pior. O que me salvava é que sempre fui bom em matemática, e até hoje tenho facilidade com os números. Sei de cor os

telefones dos amigos, das placas dos carros, dos números de senhas, datas, endereços... Voltando aos tempos de colégio e ainda cursando o curso primário, meu lema já era *quero ser, preciso ser e serei ator*. Você há de concordar comigo que perseguir um sonho não é tarefa fácil, mas, felizmente, os deuses do teatro sempre conspiraram a meu favor criando coincidências, encontros inesperados e algumas mensagens explícitas. A primeira delas aconteceu quando eu estava brincando com meus amigos na porta de um salão de cabeleireiro, no centro de São Paulo, como era costume da nossa turma. Ah, esqueci de dizer que sou paulistano e que, na minha infância, morava com meus pais e meus irmãos na Alameda Barão de Limeira, perto da Avenida Duque de Caxias. O salão de beleza da Mme. Hilda ficava logo ao lado, quase na esquina. Bem, estávamos brincando perto do salão e Mme. Hilda ali, só nos observando. Percebi que ela me olhava fixamente e, que, de repente, me fez um sinal. Me aproximei e ela disse: *Tive uma intuição, meu filho. Você vai ser ator!* Comentei então com ela que isso era tudo o que queria da vida, e ela continuou: *Você será muito conhecido!* Ela se dizia sensitiva, e isso eu não posso afirmar, mas que naquela hora a intuição dela funcionou, disso tenho certeza. Além do mais, *Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay.*



Na equipe de pólo aquático



Jogador de futebol

Não que esse fato tenha sido determinante, mas devo confessar que foi um estímulo a mais para reforçar meu desejo de persistir. Aos quinze anos, depois de pesquisar os caminhos que poderiam me levar a concretizar esse sonho, fui procurar a EAD (Escola de Arte Dramática), que ficava na Rua Maranhão. A primeira pergunta que me fizeram foi *Quantos anos você tem?* 15, disse eu. *Ah, só admitimos alunos com mais de 18 anos.* Daí fiz as contas e vi que esperar três anos e, depois, cursar a EAD durante quatro anos significava adiar minha vocação por sete anos, uma espera longa demais para quem estava tão ansioso para atuar. Sai de lá meio decepcionado, mas decidido a tentar outro caminho. Eu precisava agir.

27

Fui até a Rede Tupi de Televisão e consegui falar com Dr. Julio Gouveia, que, na época, produzia o *Sítio do Pica Pau Amarelo* e o *Teatro da Juventude*. Disse a ele do meu desejo de ser ator e conversamos bastante. Ele me recebeu bem, e pediu que eu deixasse meu número de telefone prometendo me ligar. Os dias se passavam e a minha ansiedade só aumentava. Depois de esperar por dois meses, resolvi adotar uma estratégia e liguei para ele dizendo que passaria uns dias fora de casa e temia que ele me telefonasse exatamente nesse período. Foi pura mentira,



Retrato

que defendi com tranquilidade, já representando. Mas deu resultado, porque a resposta não poderia ter sido melhor: *Se você puder vir aqui agora, fazemos um teste hoje mesmo. Caso você passe, já irá participar* (como figurante, é claro) *do Teatro da Juventude da semana que vem.* Ele me aprovou, fiz a figuração, e foi assim que minha carreira começou. Corria o ano de 1955.

Você se saiu muito bem, Fulvio, disse ele me incentivando, e já na semana seguinte fiz outra figuração. Depois disso, ele nunca mais me chamou. Decidi então procurar o Cassiano Gabus Mendes (que na época era diretor artístico da TV Tupi), e fui admitido como figurante fixo da emissora. Durante quase três anos, de 1955 a 1958, eu ficava observando os atores experientes e aprendendo muito com eles. Esse período foi muito enriquecedor, e importantíssimo na minha formação. Até que um belo dia me deram a chance de ter uma fala, uma falinha só, mas que significava aprovação. Eu tinha escolhido o caminho certo.

Naquela época, a profissão de ator não era bem-vista pelas famílias, estava longe de ser valorizada e havia muito preconceito contra a classe teatral. Mas, ao contrário de muitos colegas que foram obrigados a enfrentar a reprovação dos pais quando decidiram optar por ela, tive a sorte



Retrato

de contar com o apoio da minha família. Uma família de classe média, média mesmo, mas que respeitou a minha convicção.

Na família Stefanini, o dinheiro era pouco, mas suficiente para me garantir casa, comida e roupa lavada. E, mais importante, o carinho dos meus pais e o apoio dos irmãos. Minha mãe, Agnese Stefanini, costurava para fora para complementar a renda familiar. Meu pai, Oreste, nascido em Pádua, era representante de uma indústria farmacêutica. Autodidata e muito inteligente, não se formou em Medicina, mas sabia tanto quanto (ou até mais do que) muitos médicos formados... Ele veio ao Brasil depois da Primeira Guerra e conheceu minha mãe aqui, na cidade de Barbacena, sabe-se lá por que. Ela era filha de italianos da região da Toscana, treze anos mais moça do que ele, e tiveram três filhos, todos paulistanos: Arnaldo, Fabio e eu. Arnaldo se formou em Odontologia e Fabio foi alto executivo de diversas empresas.

Como é hábito nas famílias italianas, as refeições lá em casa eram fartas e caprichadas. Ainda me lembro dos molhos que minha mãe, uma cozinheira excepcional, fazia para o espaguete: eram densos, frescos, com muito tomate e um sabor que, até hoje, meus filhos ainda não se esqueceram. Infelizmente não aprendi os se-

gredos culinários dela, mas garanto que faço um penne à Carbonara muito elogiado. Minha mãe faleceu aos 84 anos, em 1990, e, meu pai, em 1982. Orgulhosos do filho ator, felizmente eles puderam acompanhar boa parte da minha carreira. Seguiam as novelas, iam ao teatro, vibravam com os comerciais, com os prêmios e com cada novo passo que eu dava.



Sr. Agostinho Pardini, avô de Fulvio



D. Annunziata Pardini, avó de Fulvio



Com sua mãe, Agnese Stefanini



No Hotel Coxilo, com os pais Oreste e Agnese, e os filhos Leonardo e Fulvinho

Capítulo I

Um Passo Além

Ainda no *Teatro da Juventude* do Julio Gouveia, meu maior orgulho era estar em cena ao lado de atores como Suzy Arruda, Salomão Guz e Rafael Golombek, porém foi participando do programa *TV de Vanguarda* que realmente tive a consciência de ser um peixe no aquário, de pertencer àquele universo que tanto me atraía. Eu ainda era um peixe pequeno, nadando ao lado de outros maiores e famosos, mas realizado por estar dentro do ambiente que escolhi. Fui figurante no teleteatro *E o Vento Levou*, protagonizado por Lima Duarte e Maria Fernanda, e convivi com Chico de Assis, Claudio Marzo, Rolando Boldrin e Walter Negrão, só para citar alguns. Todos nós começamos praticamente juntos, aprendemos a fazer televisão fazendo, na prática, uma vez que não havia ninguém para nos ensinar.

37

Em 1958, soube que o Teatro Novos Comediantes estava à procura de um ator para integrar o elenco de uma peça, e me apresentei. O primeiro trabalho que me deram foi numa peça infantil, *A Noite de Natal*, de Helio Quaresma de Moura. Na mesma época, participei de outra peça infantil (uma produção independente de Ynone Hirata) chamada *Urashima Taro*, que era

o nome do personagem que descia ao fundo do mar nas costas de uma tartaruga. Fui escalado para ser a tartaruga... Paralelamente a esses trabalhos, continuei fazendo figuração em diversos programas da Tupi: *TV de Vanguarda*, *TV de Comédia*, *Falcão Negro*, *Scaramouche*, *Robin Hood*, e participei até de lutas de espada antes de ganhar pequenos papéis que eu defendia com todo empenho.

38

Uma noite fui ao teatro Bela Vista assistir ao espetáculo *Henrique IV*, com um colega da Tupi. Ao final da peça fomos cumprimentar o ator Sergio Cardoso, magnífico no papel do rei. Ele foi muito acessível e eu, vencendo a timidez, lhe disse que gostaria de fazer um teste para a companhia dele. Sergio prometeu me chamar para o teste em breve, e fiquei muito esperançoso.

Foi aí que novamente os deuses do teatro entraram em ação. Dias depois eu estava passando pelo corredor da Tupi já vazio, porque eram mais de 21h, e o recepcionista que ficava no balcão da portaria já tinha ido embora. O telefone tocou e, até hoje não sei a razão, decidi atendê-lo. Teria sido uma interferência dos deuses? *Boa-noite, sou o Sergio Cardoso e gostaria de falar com um ator aí da Tupi, mas não sei como chegar até ele. É o Fulvio Stefanini, o senhor pode me ajudar? Está falando com ele*, respondi. A verdade é que

o Sergio precisava de um ator para interpretar um oficial da Marinha no próximo espetáculo da Companhia. Eram só três ou quatro falas, e eu passei no teste, que se deu no dia seguinte. A peça era *Três Anjos sem Asas*, de Albert Husson, com direção do Sergio, e no elenco estavam Berta Zemel e Zé Luiz Pinho. Eu entrava em cena, e a Berta (que fazia o papel da mocinha) olhava pra mim, ficávamos encantados e eu a levava embora.

Essa tímida entrada no teatro Bela Vista foi fundamental para a minha carreira. Depois dessa peça acabei fazendo diversas outras na Cia. Nydia Licia e Sergio Cardoso. Participei da montagem de *O Soldado Tanaka*, que foi a estreia do Tarcisio Meira nos palcos, depois fiz parte do elenco de *Oração para uma Negra*, de William Faulkner, direção de Nydia Licia, com Ruth de Souza e Carlos Zara. A partir daí, passei a ganhar papéis maiores. Não parei mais. Ainda me lembro da grande emoção que foi fazer, em 1960, uma substituição na peça *As Feiticeiras de Salem* (Arthur Miller) sob a direção do Antunes Filho. No mesmo ano atuei também, sob a direção de Nydia Licia, na segunda montagem de *Uma Cama para Três*, comédia de Claude Magnier.

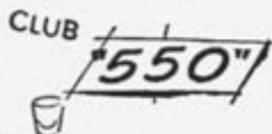
Paralelamente ao meu trabalho no teatro, eu integrava o elenco dos Jograis de São Paulo, criado

CASA BENTO LOEB

tradição de confiança em São Paulo desde 1891

rua quinze de novembro, 331 — fone: 32-1167

CECY AMARILIS - Hostess -
Cantora
MOZART e seu conjunto para dançar
NILCE TABAJARA - Crooner
PAULINHO ao violão



AR CONDICIONADO
das 17 às 4 horas da madrugada
FECHADO AOS DOMINGOS
Praça da República, 146 — Fone: 36-9121

JANTARES DANCANTES

“STUDIUM”

do HOTEL JARAGUÁ

Rua Major Quedinho, 40
Fone: 37-5121



PRATA MERIDIONAL

PRESENTES FINOS
TALHERES FAQUEIROS
BAIRELAS

A venda nas casas do ramo que exigem **BRILHANTE**

A VENDA NAS CASAS DO
RAMO QUE EXIGEM
QUALIDADE

PIANOS



PUREZA DE SOM — QUALIDADE INSUPERAVEL

RUA STELLA, 63

SÃO PAULO

A COMPANHIA NYDIA LICIA-SÉRGIO CARDOSO

apresenta

O SOLDADO TANAKA

("Der Soldat Tanaka")

Três atos de GEORG KAISER

em tradução de Gert Meyer e Sérgio Cardoso

Personagens, por ordem de entrada em cena:

O avô	GEORGES OHNET
A mãe	MARINA FREIRE
A mulher	ZILDA MAIA
O pai	JAIME PERNAMBUCO
O homem	SÉRGIO DANTAS
Tanaka	SÉRGIO CARDOSO
Wada	GUILHERME CORREA
Os aideões	JAMARIO ALENCAR
	ALBERTO CARMONA
	DIRCEU MALAGUTTI
	IRACEMA ARDITI
	PAULO JOSÉ
	ROSIRIS RODRIGUES
	FULVIO STEFANINI
O porteiro	ALCEU NUNES
A dona do bordel	SYDNÉA ROSSI
Os soldados	ANDRÉ LOPEZ
	PAULO PINHEIRO
	YVAN DE OLIVEIRA
	WALDYR DE ANDRADE
As moças	RITA CLEOS
	ROSIRIS RODRIGUES
	CLAUDETTE OPPIDO
	ZILDA MAIA
	IRACEMA ARDITI
Yoshiko	SONIA OITICICA
Umezu	ZELUIZ PINHO
O Juiz-Presidente	TARCISIO MEIRA
O Advogado de defesa	FULVIO STEFANINI
Os Juizes-Adjuntos	FRANCO ASSIS
	LUIZ CARLOS ALEM
O escrivo	JAMARIO ALENCAR
Os guardas	ANDRÉ LOPEZ
	WALDYR DE ANDRADE



Em A Raposa e as Uvas, com Maria Pompeu, Rita Cléos, Guilherme Correa, Adalberto Silva e Sérgio Cardoso



Na peça A Idade dos Homens, com Edgard Franco, Ferreira Leite, Nydia Licia e o advogado

**almoço
e jante
bem melhor,**
diferente, em ambiente calmo
acolhedor como
em seu lar,
na

luxuosa e ampla



**churrascaria
GAÚCHA**
RUA DAS LARANJEIRAS, 114

A DUAS QUADRAS DO
LARGO DO MACHADO

● NÃO TEM FILIAIS ●

TELS: 45-2665 e 45-3185

Casali Publicidade



JOALHERIA KRAUSE
Ouvidor, 152
Av. N. S. de Copacabana, 710-A



1868

SERVE A ELITE DESDE O IMPÉRIO

A COMPANHIA NYDIA LICIA
apresenta

A RAPOSA E A

Comédia em três atos, de GUILHERME
Personagens, por ordem de entrada:

Melita
Cléia
Xantós
Esopo
O etíope
Agnostos

Cenário e figurinos de IRENIO MAIA;
Cenário executado sob direção de Jarbas
com tecidos Matarazzo.

O modelo de Cléia é em jersey Valisère
Guarda-roupa feminino executado por M.
Cabeleiras de Fiszpan.

Anforas e jarras em criação exclusiva de
de Pôrto Ferreira — São Paulo.

Direção de SERGIO CARDOSO,
baseada na versão original de BIBI

RESTAURANTE

- Almoço
- Jantar musical
- American Bar
- Serviço especial
de baquete

ambiente de
emoldurado
incomparável
da Baía de

aberto diariamente das 11,30 às 22,30 h
exceto domingos e feriados

Agora, você já pode comprar

jóias de qualidade, pelo



SERGIO CARDOSO

S UVAS

ERME FIGUEIREDO.

a em cena:

..... Rita Cleós
..... Helena Velasco
..... Guilherme Corrêa
..... Sérgio Cardoso
..... Adalberto Silva
..... Fulvio Stefanini

s Lotto,

me. Sofia.

l. Cerâmica Forjaz,

ERREIRA.

notário MESBLA

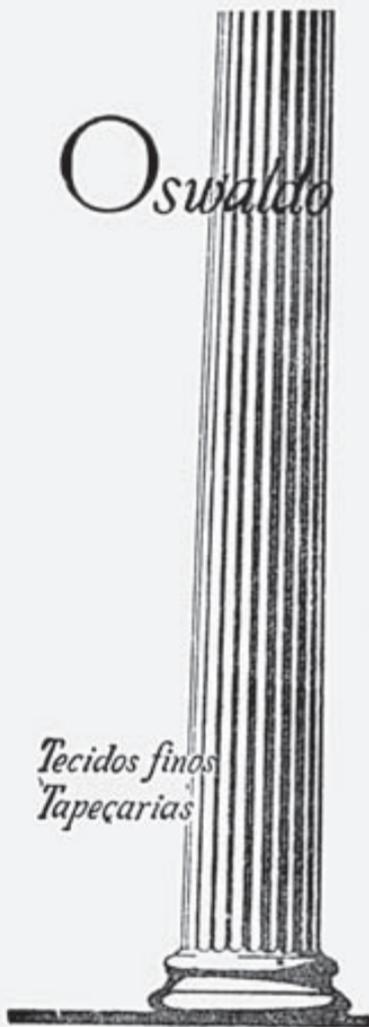
para distinção,
pelo
visto
Guanabara



Rua do Passaio, 42/56 - 11.º and. - Tel. 22-0945

Oswaldo

Tecidos finos
Tapeçarias



Avenida N. S. Copacabana, 484 - A
Telefone: 37-4493

e dirigido por Ruy Affonso Machado. Fizemos apresentações em diversas cidades brasileiras e até recitais (em língua espanhola) no México. Apesar do sucesso e do prazer que sentia nesse trabalho, fui obrigado a deixar o grupo devido a outros convites para atuar em teatro e TV.

46 Em 1961 trabalhei no polêmico espetáculo *O Bezerro de Ouro*, de Abílio Pereira de Almeida, dirigido por Egydio Eccio. O peixinho estava crescendo, nadando com mais desenvoltura e começando a ocupar um lugar maior no aquário. Atuei a seguir em diversas peças, porém sem nunca abandonar o teleteatro da Tupi. Em seguida fui trabalhar na Excelsior, sem nenhum vínculo empregatício. Até que jantando certa noite no restaurante Gigetto, Alberto Saad me perguntou: *Você já tem contrato conosco lá na Excelsior? Não? Então passe na minha sala amanhã que vamos te contratar.* Comecei fazendo papéis de jovem galã em novelas. A primeira delas, *A Outra Face de Anita*, foi dirigida pelo Dionísio Azevedo, e a heroína era a Flora Geny. Trabalhei na Excelsior por um bom tempo e participei de várias novelas escritas pela Ivani Ribeiro: *As Minas de Prata* (inspirada no romance homônimo de José de Alencar e dirigida por Walter Avancini), que era ambientada no século XVII e na qual eu interpretava o

TEATRO DE ARENA

Recital comemorativo do sétimo aniversário

dos

JOGRAIS DE SÃO PAULO

que apresentarão

IMPROVISO - IV

Direção	Ruy Affonso
Integrantes	Fúlvio Sérgio Nelson Duarte Rubens de Falco Ruy Affonso
Acompanhamento	Roberto Ribeiro

São Paulo, sábado, 19 de Maio de 1962 - Às 23,30 horas

Jograis de São Paulo: ficha técnica

¡Espectáculo Extraordinario!

¡Poesía y música medieval y moderna!

El mundialmente famoso grupo de

“LOS JOGRAIS DE SAO PAULO”

[“Los Juglares de San Paulo”]

Artistas brasileños del cine, radio y televisión.

MARTES 5 y MIERCOLES 6 de noviembre de 1963 A las 21 horas.

TEATRO DE LA UNION DE ESTIBADORES

ENTRADA LIBRE Y GRATUITA.

INVITACION AL PUBLICO POR CORTESIA DE:
EMBAJADA DE BRASIL EN MEXICO y ATENEO VERACRUZANO.

Jograis de São Paulo: cartaz da apresentação no México



Jograis de São Paulo: apresentação em Poços de Caldas, 1962, com Rubens de Falco, Nelson Duarte e Ruy Affonso



*Jograis de São Paulo: apresentação na fronteira
Livramento/Rivera, 1962, com Nelson Duarte, Sílvio Paes
de Almeida e Roberto Ribeiro*

direção
cenários
assistente de direção
diretor de produção
diretor de cena
montagem
iluminação

egydio éccio
paulo bandeira
luciano gregory
romano domingues
josé de mattos
florival joia
eteocles carlos alberto



AVE CESAR, MORITURI TE SALUTANT

satã
barão mario matorosso
comendador vittório
comendador beppo
marquesa di pontevechio
dr. paulo sergio
engenheiro carlo
baroneza di matorosso
gaby
noivo
condessa di matorosso
médico
enfermeira
bruno

osmano cardoso
dionísio azevedo
elias gleizer
luciano gregory
irina grecco
raul cortez
claudio miranda
célia biar
annik malvil
laerte morraine
dina lisboa
paulo hatheyer
jane hegenberg
fulvio stefanini

ator convidado para esta peça dionísio de azevedo
decoreação de cena por «Beauty Decorações»



Mme. Castillo veste as atrizes, Irina Grecco e Annik Malvil

O Bezerro de Ouro

de
ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
em 2 atos

protagonista, Estácio Correia. No elenco, que era estelar, estavam Regina Duarte, Suzana Vieira, Gloria Menezes, Paulo Goulart, Maria Izabel de Lisandra e até Procópio Ferreira; participei de *A Indomável*, baseada em *A Megera Domada*, de William Shakespeare, que contava com um elenco de primeira grandeza onde brilhavam os atores Edson França, Nívea Maria, Aracy Cardoso e Yara Lins; e ainda *A Grande Viagem*, um êxito inesquecível que tinha no elenco Miriam Mehler, Regina Duarte, Daniel Filho, Rodolfo Mayer, Marcia Real, Altair Lima e Procópio Ferreira, de quem me tornei grande amigo. Eu adorava o Procópio! Ele tinha um enorme senso de humor e era dono de um *savoir faire* inigualável. Como ele não dirigia automóvel e dizia que *vivia de mesada*, eu costumava dar carona para ele. No caminho de casa conversávamos sem parar, ríamos muito e minha admiração por ele era (e é, porque continua viva dentro de mim) enorme.

Minha carreira deslanchou dentro da TV Excelsior, mas as coincidências, providenciadas ou não por forças que desconheço, continuavam a me favorecer e, em 1964, ganhei meu primeiro prêmio, o Troféu Imprensa, como revelação de ator de televisão. Certo dia, esperando o sinal abrir na Av. São Luiz, meu carro se emparelhou com o do diretor Maurice Vaneau. Ele abriu o vidro

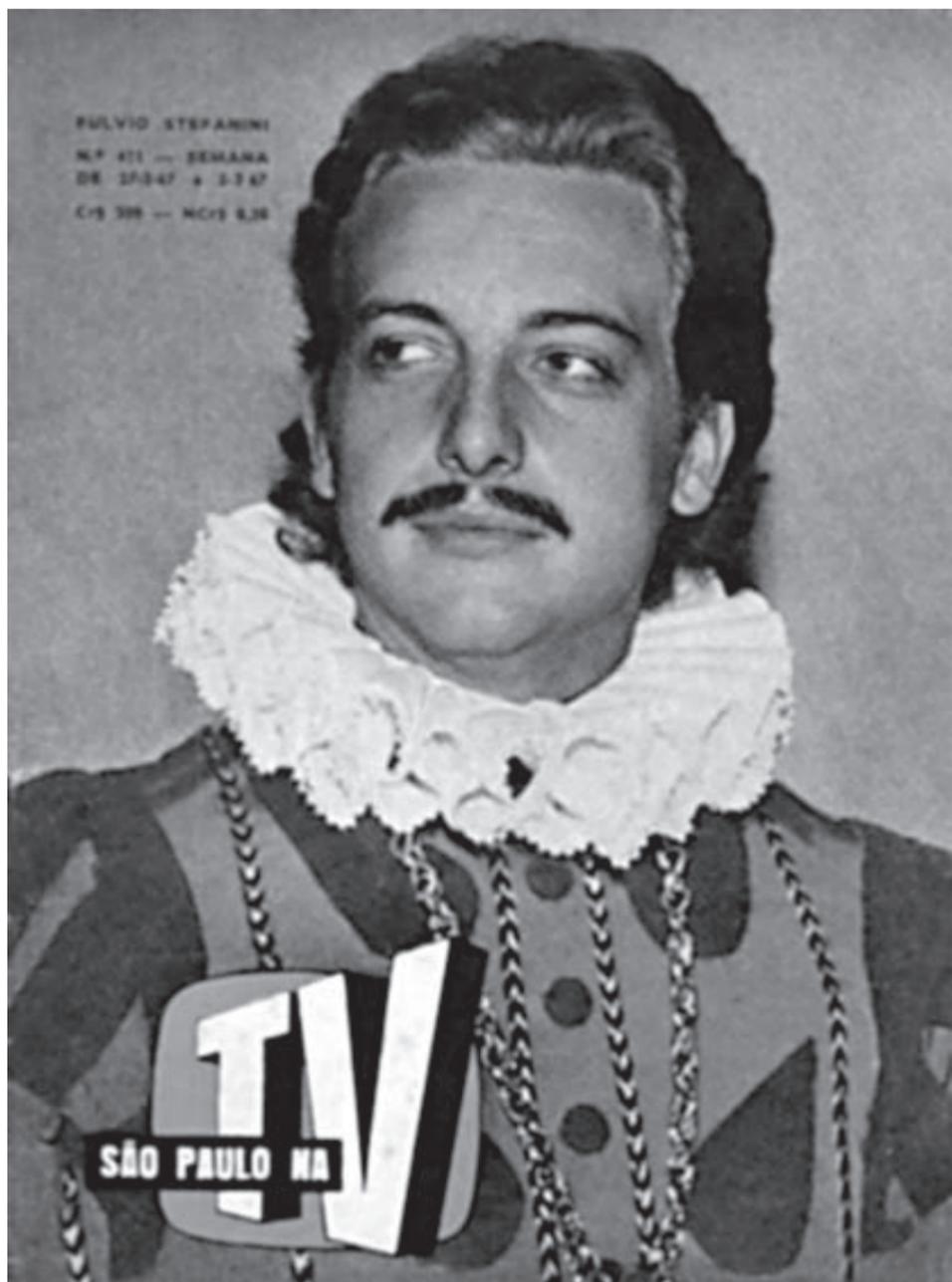
e disse: *Me liga, preciso falar com você*. Liguei, claro, e sabe qual foi o resultado? O convite para trabalhar na próxima peça que ele iria dirigir, o já consagrado texto de Edward Albee, *Quem Tem Medo de Virginia Woolf*, ao lado de Cacilda Becker, Walmor Chagas e Lilian Lemmertz.



Cartões de abertura de As Minas de Prata, com Regina Duarte, na TV Excelsior



FULVIO STEFANINI
N.º 411 — SEMANA
DE 27.047 a 27.67
Cr\$ 308 — NCr\$ 8,38



Revista São Paulo na TV, 27/02/1967



Revista São Paulo na TV, 21/02/1967

AS MINAS DE PRATA

uma colossal obra-prima da televisão brasileira



ESTACIO NÃO QUER SE CASAR COM INEZITA



Cena da Missa. Em primeiro plano: Regina Duarte e Arlete Montenegro, respectivamente Inezita e Elvira.



Regina Duarte (Inezita), Vera Nunes (Mãe) e as criadas, entre elas Jacira Campos.

Dizem que o homem é um eterno insatisfeito e, realmente, essa é a verdade. Vive ele sempre em busca de novos horizontes, pois os conquistados dão-lhe a alegria somente no minuto da vitória. Estácio não foge a regra, pois sofre e luta enquanto não lhe permitem conquistar, definitivamente, Inezita. A barreira imposta pelos pais de sua amada é antes de tudo um estímulo, porque, no momento que aquela barreira for vencida, Estácio partirá para novas aventuras. Na verdade ele não ama Inezita, desde que seu coração há muito foi dominado por uma carioquinha do Leblon. As juras de amor, os olhares suspiciosos e a ternura de sua voz, não são dirigidas, verdadeiramente, a Inezita, mas sim ao seu amor da Cidade Maravilhosa. Estácio, cujo verdadeiro nome é Fulvio Stefanini, é um rapaz tranquilo e sentimental, que sabe cantar direito acompanhado de seu violão e busca aperfeiçoar-se cada vez mais na arte de interpretar, embora já tenha conquistado o "Troféu Imprensa", com o seu brilhante trabalho em "A Outra Face de Anita". Antes, quando tinha unicamente sua carreira como razão de sua existência, pouco era visto nas rodas sociais, todavia, agora, com o estímulo do amor, Fulvio tornou-se um homem menos caseiro e, esporadicamente, aparece com sua noiva em algumas reuniões do pessoal da televisão. Porém, embora não queira se casar com Inezita, não pretende decepcioná-la, publicamente, e procura levar muito a sério seu papel, ficando a estudá-lo com todo respeito e carinho, desde que é considerado uma pessoa muito responsá-



Armando Bogus (Cristovão), Arlete Montenegro (Elvira) e Sônia Oiticima (Mãe de Elvira).

vel, que desempenha com zelo suas obrigações. Acha Inezita uma excelente pessoa e sente muito não dedicar a ela o mesmo afeto que tem por sua carioquinha, contudo se for necessário e, sabe que realmente o será, casar-se-á com ela, para a satisfação dos milhares de telespectadores que acompanham, diariamente, "Minas de Prata". A sua "Garota do Leblon" não teme a rival, pois sabe que no final de toda essa estória, quem sairá vencedora será ela, embora José de Alencar, julgue que é ele que imporá as condições a Estácio. Tranquilos, felizes e românticos, Fulvio e sua amada, caminham a largos passos em direção do altar, pois sabem, que no íntimo, os telespectadores não vão se importar que Estácio não se case com Inezita, pois compreendem que ela também não deseja fazê-lo, desde que ama um jovem bem da sociedade paulista.

Texto de: OSMAYR MENEZES

Capítulo II

A Outra Margem do Rio

Quem Tem Medo de Virginia Woolf foi uma espécie de divisor de águas da minha carreira e da minha vida pessoal. Contracenar com Cacilda Becker, um dos maiores mitos dos palcos nacionais, é uma emoção rara e inesquecível. Corria o ano de 1965 e, depois do enorme sucesso paulistano, fomos para o Rio de Janeiro em 1966 onde lotávamos o teatro Maison de France. No Rio, aluguei o apartamento da atriz Tereza Raquel para a temporada, mas, como ela precisou do imóvel, fui morar com meu amigo Celso Faria, ator de cinema. O apartamento dele, uma cobertura, ficava na Avenida Atlântica. Curiosamente o apartamento não tinha móveis, era um grande espaço praticamente vazio, mas que abrigava todos os atores de São Paulo que chegavam ao Rio. Celso e eu costumávamos ir à praia juntos e, numa dessas idas, passamos por duas moças que chamaram nossa atenção. Uma delas, a Vera Dulce Cardoso de Lima, muito bonita e atraente, me olhou fixamente. Posso até dizer que ela não tirava os olhos de mim. Pudera! A amiga que estava com ela havia assistido a *Virginia Woolf* na véspera, e comentou com a Vera sobre aquele *loirinho do elenco, que é uma graça...* E lá estava eu, bem na frente delas, em carne e osso!



*Na peça Quem Tem Medo de Virginia Woolf?, com
Walmor Chagas*



*Na peça Quem Tem Medo de Virginia Woolf?, com
Cacilda Becker e Lillian Lemmertz*



*Na peça Quem Tem Medo de Virginia Woolf?, com
Walmor Chagas e Cacilda Becker*



Vera Dulce, esposa

Naquele tempo era comum fumar, inclusive na praia, e Vera veio me perguntar se eu tinha um isqueiro, pretexto muito usado na época para se aproximar de alguém. Começamos a conversar e acabamos marcando um encontro, eu, ela, o Celso e a amiga dela. Vera e eu não nos largamos mais. Casamos dois anos depois, em 1968. Nosso casamento foi realizado em São Paulo a 28 de dezembro, mas nem tivemos tempo para a lua de mel porque eu estava fazendo uma novela atrás da outra na Record. Fulvinho nasceu em 1970, e, Leonardo, em 1973.

66

Posso dizer que tenho, com meus filhos, uma sólida relação de amizade. Somos uma família unida, nos damos muito bem, conversamos muito, mas, quando é necessário, também nos criticamos e *quebramos o pau...* Acho que essa sinceridade, nas relações familiares, é mais um reflexo do amor. Fulvinho se formou em Direito, é professor de inglês e francês, mas também é ator e um ótimo comediante. Kursou veterinária até o terceiro ano, e ainda pensa em concluir o curso. Leonardo se formou na ESPM e em jornalismo, é ator, locutor e diretor de teatro. E, inclusive, já trabalhou em TV em diversas áreas. Sempre procurei não colocar expectativas a respeito dos filhos, porque isso seria um erro e um problema para eles, uma vez que quase sempre



Cerimônia de casamento de Fulvio e Vera



No casamento, cumprimentos de Goulart de Andrade



No casamento, cumprimentos de Adriano Stuart e Márcia Maria



Maria do Socorro com Leonardo, no colo, e Fulvinho



Com o filho Fulvinho recém nascido



Leonardo e Fulvinho em Miami, 1986

gera frustrações. Acredito que a vida deve correr ao sabor do vento.

Quando nos olham como se fôssemos uma raridade e nos perguntam como é possível manter, em harmonia, um casamento de mais de quarenta anos, costumamos dizer que não existe uma receita. No nosso caso, o companheirismo, o respeito, o suporte que damos um para o outro, o prazer de estarmos juntos, tudo isso significou o alicerce para a construção de uma permanente e sólida união. Ela enfrentou comigo os momentos difíceis, entendeu os altos e baixos da minha profissão e exercitou o companheirismo de uma forma incrível. Vera sempre esteve muito presente nos meus trabalhos, cooperando e me estimulando. Mais do que juntos, estamos unidos. Ela é mais diplomata do que eu, e daria uma excelente relações públicas. Existe uma sintonia tão forte entre nós que, muitas vezes, é como se um adivinhasse o que o outro está pensando. O melhor é que isso torna possível uma comunicação quase mediúnica, que dispensa as palavras. Coisa rara, não é mesmo?

Vera é de família carioca, e, por conta do meu trabalho, acabei, entre idas e vindas, morando muitos anos no Rio de Janeiro: um ano lá e outro aqui, quatro anos por lá, depois outro em São Paulo, e assim foi. Quando a temporada carioca



*No Hotel Coxilo, Vera com os pais de Fulvio e os filhos,
Leonardo e Fulvinho*



Leonardo e Fulvinho

de *Virginia Woolf* terminou, voltei a São Paulo para atuar na peça *O Versátil Mr. Sloane*, de Joe Orton, com direção de Antonio Ghigonetto, com Ruth Escobar, Edney Giovenazzi e Carlos Duval, mas não parei de atuar nas novelas da TV Excelsior. Foram muitas, e se você tiver curiosidade em saber de todas elas, no final do livro há uma relação completa. Mas, entre tantas, estão *A Outra Face de Anita*, dirigida por Dionísio de Azevedo, na qual Walter Avancini fazia parte do elenco, com Armando Bógus e Flora Geny; *A Grande Viagem*, de Ivani Ribeiro, e *Melodia Fatal*, escrita por Dulce Santucci e dirigida por Walter Avancini. Foi a estreia em novela do ator Cyll Farney, galã dos filmes da Atlântida. *Melodia Fatal* teve o mérito de dar à atriz Nivea Maria seu primeiro papel de destaque.

Em 1967 o Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho) me convidou para trabalhar na Globo, mas fui obrigado a recusar por estar contratado pela TV Excelsior. Quando o contrato expirou, trabalhei na Rede Record de Televisão, na qual o Walter Avancini dirigia as novelas. Naquele momento, a emissora vivia seu grande momento e atuei em novelas de muito sucesso, como *Algemas de Ouro*, escrita por Benedito Ruy Barbosa, um dos primeiros trabalhos da Record na área de teledramaturgia que reuniu todo



Na peça O Versátil Mr. Sloane, com Ruth Escobar e Ednei Giovenazzi



Na peça O Versátil Mr. Sloane, com Ruth Escobar e Ednei Giovenazzi



Teatro O Galpão

apresenta

O Versátil Mr. Sloane

três atos

de

Joe Orton

tradução

de

Gert Meyer

elenco por ordem de entrada

Sloane Fúlvio Stefanini

Kath Ruth Escobar

Kemp Carlos Duval

Ed Ednei Giovenazzi

direção **Antônio Ghigonetto**

ass. direção **Carlos Silveira**

cenários e figurinos **Wladimir Pereira Cardoso**

eletricista-chefe **Domingos Fiorini**

fotos de cena **Fredi Kleemann**

relações públicas **Cristina Toledo**

contra-regra **João Gaidos**

produção Teatro **Ruth Escobar**

o elenco da casa na época: Lolita Rodrigues, Suzana Vieira, Marcia Maria e Rolando Boldrin também participavam da trama; *A Última Testemunha* (de Benedito Ruy Barbosa e dirigida por Walter Avancini) e *As Pupilas do Sr. Reitor*, uma adaptação de Lauro Cesar Muniz do romance homônimo de Júlio Dinis dirigida por Dionísio de Azevedo, que também representava o papel título. Agnaldo Rayol representava meu irmão e Kadu Moliterno, criança ainda, fazia o meu personagem quando menino. Participaram também da novela as atrizes Lolita Rodrigues, Laura Cardoso, Lia de Aguiar, Georgia Gomide, Márcia Maria e até a maior fadista portuguesa, Amália Rodrigues, em uma de suas passagens pelo Brasil.

81

Depois disso, fiz alguns trabalhos na TV Cultura e finalmente pude atuar na TV Globo, em 1973. A primeira das muitas novelas que fiz lá foi *Carrinho* (de Lauro Cesar Muniz). Produzida em preto e branco, tinha como tema musical a música homônima de Pixinguinha. No elenco, Regina Duarte, Claudio Marzo, Rosamaria Murtinho, Claudio Cavalcanti, Suzana Faini e Marcos Paulo. Em seguida trabalhei em *Fogo sobre Terra*, de Janete Clair. Nessa novela eu tive o prazer de contracenar com Jardel Filho com quem partilhei não apenas trabalhos, mas também uma grande amizade. Uma curiosidade que envolve essa novela é que

a música *Uma Rosa em Minha Mão*, cantada por Marília Barbosa e que fazia parte da trilha sonora, é de autoria de Toquinho com letra do Vinícius de Moraes. Até aí tudo bem, se não fosse um fato que pouca gente sabe: como a música aparentemente não decolou, Toquinho mudou a letra para uma campanha da Faber-Castell que se tornou conhecida como *Aquarela*... A letra original era assim:

Procurei um lugar, com meu céu e meu mar, não achei... Procurei o meu par, só desgosto e pesar encontrei... Onde anda meu rei, que me deixa tão só por aí? A quem tanto busquei e de tanto que andei me perdi. Quem me dera encontrar, ter meu céu, ter meu mar, ter meu chão. Ver meu campo florir e uma rosa se abrir na minha mão.

82

... e ficou assim: *Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo. E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo. Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva... E por aí vai, pois esta todo mundo conhece!*

Entre tantas novelas, acredito que *Gabriela* (adaptação de Walter George Durst a partir do livro *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado) tenha sido a de maior sucesso. Nela, interpretei Tônico Bastos, um personagem carismático, muito engraçado e que era amado pelo público de todas as idades.



Em Gabriela, como Tônico Bastos



Na novela Gabriela

Conheci Jorge Amado quando fomos passar um *réveillon* na Bahia. Estávamos na casa de amigos, e iríamos passar a meia-noite juntos numa grande festa. Ali pelas 21h, um deles, o Juca Chaves, nos disse: *Vamos até a casa do Jorge antes da festa porque eu disse a ele que você estaria aqui conosco e ele quer muito te conhecer pessoalmente.* E lá fomos nós até a famosa casa dos Amado em Itapuã. Foi Zélia quem abriu a porta. Ela me olhou e disse: *Olha, Jorge, vem ver quem está aqui.* O Jorge veio, parou quando me viu, e ficamos ali olhando um para o outro, calados, quase um mudo e mútuo reconhecimento, por muito mais tempo que o normal nessas ocasiões. Até que Zélia rompeu o silêncio dizendo *ah, não vamos nos emocionar aqui e agora...* Mas Jorge era homem de poucas palavras. Ficamos na varanda, ele me serviu de champanhe e falamos algumas trivialidades. Naquela época, eu ainda era muito tímido. E, acredite, ele também. Ficamos juntos ali por uma meia hora, eu estava muito emocionado com o encontro, com o privilégio de poder conhecer mestre Amado na casa dele. Os amigos me chamaram, pois era chegada a hora de irmos para a festa. *Vou lhe acompanhar até a saída,* disse ele trazendo alguns livros autografados, dele e da Zélia. Mas, antes de sairmos, ele me disse: *Quero lhe dizer uma coisa, Fulvio. O seu Tônico*



Na novela Gabriela



Em Gabriela, com Paulo Gracindo



Em Gabriela, com Armando Bógus



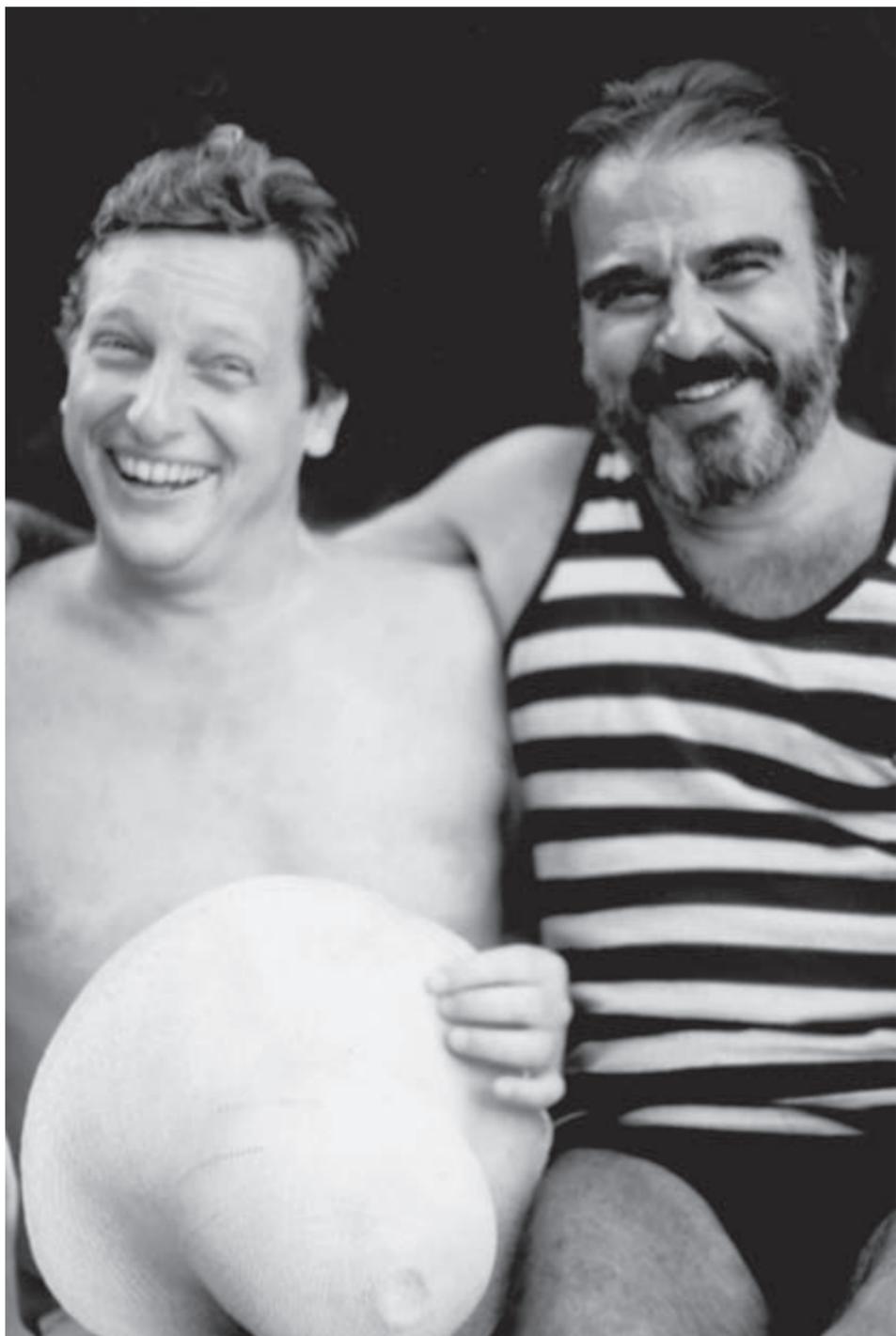
Em Gabriela, com Maria Fernanda

Bastos é melhor do que o meu! Ouvir isso de Jorge Amado foi como receber o prêmio mais cobiçado da minha carreira.

Depois dessa ocasião nos tornamos amigos, nos vimos muitas outras vezes, a maioria na casa dele no Rio Vermelho. Aliás, foi lá que tiramos a foto que está nessa página. A casa era uma espécie de museu, abrigava presentes que ele ganhou de personalidades do mundo inteiro. Sempre que havia a oportunidade de irmos à Bahia, íamos visitá-lo. Almoçávamos juntos, tomávamos banho na piscina da casa dele. E sempre que ele recebia uma homenagem, pedia que nos convidassem. Estive presente a algumas, fui apresentar a inauguração do Centro Cultural e até ao carnaval do trio elétrico fomos todos juntos. Jorge e Zélia, quanta saudade!

90

O personagem Tônico Bastos, tão gratificante, me rendeu uma experiência inesquecível. Talvez pelo fato de *Gabriela* ter sido a primeira das novelas da Globo exibida em Portugal, o sucesso que ela teve entre os lusitanos foi arrasador. Produzida para comemorar o décimo aniversário da Rede Globo, *Gabriela* recebeu o tratamento digno de uma superprodução em todas as etapas: a abertura da novela foi realizada pelo artista plástico Aldemir Martins, a construção dos cenários exigiu o aterro de uma área imensa



Com Armando Bógus

que, posteriormente, foi encoberta por jardins projetados pelo paisagista Burle Marx. A adaptação primorosa de Walter George Durst foi valorizada pelos figurinos de Marília Carneiro e pela trilha sonora de Guto Graça Melo. As cenas na caatinga foram feitas em Maricá, no Rio de Janeiro, e Tônico Bastos foi uma espécie de *divisor de águas* na minha carreira.

92

Inicialmente eu deveria viver, em *Gabriela*, o personagem Mundinho Falcão (que acabou sendo feito brilhantemente pelo José Wilker). Foi o Walter Avancini, um diretor excepcional, quem mudou a escalação e me escolheu para viver Tônico Bastos. É incrível como pequenos fatos do dia a dia interferem na criação de um personagem. Veja só: ainda no começo da novela, eu estava na sala de maquiagem da Globo e o maquiador Eric Rzepke, finalizando seu trabalho, usou um pequeno pente no bigode de Tônico Bastos. Me ocorreu pedir a ele o tal pente emprestado, ao que ele respondeu: *Emprestado, não. Fica com ele de presente*. Agradei e passei a usá-lo em cena.

Antes de continuar essa história, gostaria de abrir parênteses para deixar pública a admiração que todos nós, atores e diretores da emissora, tínhamos por Eric. Polônês estudante de filosofia, ele acabou indo morar na Inglaterra onde



Em Gabriela, com Natália do Valle



Em Gabriela, com Armando Bógus e Jayme Barcelos



Em Gabriela, como Tônico Bastos

maquiou estrelas como Lili Palmer, Stewart Granger e Vivian Leigh. Chegou ao Brasil pelas mãos do diplomata Paschoal Carlos Magno e, depois de passar pelos estúdios Vera Cruz, Atlântida e Herbert Richers, foi contratado pela Globo, onde trabalhou por quase trinta anos. Formou dezenas de profissionais e, em 1972, ganhou o título de Cidadão Carioca. Fiz questão de incluir o Eric nesse livro como uma homenagem à sua competência, talento e generosidade.

96

Voltando ao pente: logo que comecei a usá-lo em cena, o Avancini resistiu à ideia e me disse; *Esse negócio de usar o pentinho, vá lá, mas use somente nas cenas em que estiver saindo de sua casa, diante do espelho do porta-chapéus. Mas pentear o bigode dentro do cabaré Bataclan, não faz sentido. Ao que respondi: Você está perdendo para eu fazer cocô no banheiro isso não tem impacto, é o obvio, todo mundo faz. Mas, se eu fizer cocô no meio de um salão, na frente de todos, o impacto será enorme.* Ele coçou a barbicha, fez uma pausa e disse: *É verdade, use o pentinho.* A partir de então, o pente e eu nos tornamos inseparáveis...

Num belo dia, Paulo Gracindo (que fazia o papel de meu pai na novela) me telefonou dizendo que a Pepsi-Cola estava lançando seus produtos em Portugal e que faria um grande evento

para marcar a ocasião. E (o melhor vem agora) Paulo me disse então que gostariam que eu e a Elisabeth Savalla estivéssemos presentes. Se eu quisesse ir, etc., etc. Eu nunca tinha ido à Europa, estava ansioso por ir, mas respondi que só iria se a Vera pudesse ir comigo e eles assumissem essa despesa. Passei um dia esperando a resposta, torcendo muito, e até duvidando que eles aceitassem. Felizmente concordaram e lá fomos nós.

A primeira surpresa foi quando chegamos ao aeroporto onde havia uma multidão a nossa espera. Entre fotógrafos, jornalistas, repórteres de TV, fãs e curiosos, aproximadamente 10 mil pessoas nos esperavam. O caos foi tão grande que houve invasão da pista e o aeroporto teve que ser fechado por duas horas e meia! Cada entrada e saída do hotel significavam uma operação de guerra, com seguranças e estratégias para que pudéssemos nos locomover. Creio que seja mais ou menos o que acontece hoje em dia com a Madonna... E foi assim até que uma noite Vera e eu fomos até a Alfama dos Marinheiros. Eu me disfarcei (acreditando estar irreconhecível), e estávamos caminhando pelas ruas quando uma senhora me reconheceu. Pronto, estava armada a confusão. Formou-se uma multidão e essa mesma senhora me pediu que fosse até a casa dela, pois sua mãe, que era uma grande

fã, vivia em cadeira de rodas e me ver, garantia a filha, seria a maior alegria da vida dela. Como elas moravam logo ali, acabei indo. No fundo da sala, vi uma senhorinha envolvida num xale escuro e sentada na cadeira de rodas. Assim que ela percebeu Tónico Bastos dentro de casa, levantou-se e caminhou em minha direção, enquanto a filha e outros que ali estavam ficaram atônitos, e gritavam *Milagre! Milagre!* É claro que em seguida ela voltou para a cadeira de rodas, depois desse esforço sobre-humano. Mas foi tudo muito emocionante... De Portugal fomos à França, Itália, Inglaterra e Espanha. Depois disso, passamos a viajar sempre que o trabalho nos permite, porque é um prazer sempre renovado.

Muitos anos depois, Ruth Escobar ofereceu um jantar para homenagear o presidente português Mário Soares, e eu estava entre os convidados. Quando fui cumprimentá-lo, ele me olhou por alguns instantes e disse: *Tu me fechaste o aeroporto de Lisboa por duas horas e meia!* E rimos muito do incidente.



Em Gabriela, com Ângela Leal

Capítulo III

Tempo de Comédias

Em 1976 fiz diversas participações especiais no programa humorístico *Planeta dos Homens*, além de produzir e atuar na peça *Feira do Adulterio*, que tinha no elenco Jô Soares, também diretor do espetáculo. O elenco era maravilhoso e contava com a presença de Rosamaria Murtinho, Mauro Mendonça, Arlete Sales e Osmar Prado. O espetáculo era composto de seis peças curtas, assinadas por diferentes autores: Paulo Pontes e Armando Costa, Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso, Ziraldo, Jô Soares e João Bethencourt. Foi um sucesso arrasador, e tínhamos espetáculos de quarta a domingo, sendo que havia duas sessões aos sábados e aos domingos. E sempre com casas lotadas!

101

Depois disso, voltei a São Paulo. Trabalhei na TV Tupi, e participei da peça *Cinderela do Petróleo*, com direção de João Bethencourt. Em seguida passei a atuar na TV Bandeirantes e o ano de 1978 me trouxe um papel no teatro que foi grande sucesso de público e de crítica: *Tem um Psicanalista em nossa Cama*, texto e direção de João Bethencourt, no qual eu contracenava com Irene Ravache e Serafim Gonzales. Dois anos depois, atuei em outro espetáculo que teve grande

DUKA PRODUÇÕES e E. F. PRODUÇÕES TEATRAIS

apresentam

FEIRA DO ADULTÉRIO

(ou Como Cobiçar a Mulher do Próximo)

Cinco peças curtas, de autores brasileiros.



Direção geral
JÓ SOARES

Em A Feira do Adultério, com Mauro Mendonça, Guilherme Corrêa, Rosamaria Murtinho, Arlete Sales e Flávio Galvão



Em A Feira do Adultério, com Osmar Prado, Rosamaria Murtinho, Arlete Sales, Mauro Mendonça e Jô Soares



Em A Feira do Adultério, com Rubens de Falco Mauro Mendonça, João Paulo Adour, Arlete Sales e Rosamaria Murtinho



Na peça A Cinderela do Petróleo, com Jussara Freire

repercussão: *A Venerável Mme. Goneau* de João Bethencourt, dirigida por Gianni Ratto. Depois dessa peça, fiquei dois anos sem trabalhar em teatro – uma vez que meus compromissos com a televisão não me permitiram aceitar os convites que tive.

Na TV Bandeirantes, até 1982, participei de diversas novelas, como *Cara a Cara*, *Cavalo Amarelo*, *Os Imigrantes* e *Campeão*, e já no ano seguinte eu estava de volta à Globo onde interpretei o personagem João Carlos (o Joca) na novela *Eu Prometo*, de Janete Clair. Depois, ainda na Globo, participei do elenco de outras novelas da emissora.

106

Em 1984 voltei a pisar no palco na peça *Uma Cama para Três*, em sua terceira versão, com direção de José Renato e que trazia no elenco Eva Wilma e Carlos Zara. Dois anos depois, em 1986, produzi e atuei no espetáculo *Grita Paixão*, de Walcyr Carrasco, dirigido por Maurice Vaneau, onde eu contracenava com Cléo Ventura. Olhando para trás, me dou conta do grande número de trabalhos que realizei no teatro e na televisão. Minha escolha, vocação, trajetória, minha vida nos estúdios e nos palcos significou, sem dúvida alguma, também um grande aprendizado sobre a natureza humana. Nunca fiz análise, mas o necessário e profundo

FULVIO STEFANINI e SERGIO FAMÁ D'ANTINO

apresentam

A Venerável Mme. Goneau

de João Bethencourt

com:

Fulvio Stefanini Baby Garroux Jacques Lagoa Andrea L'Abbate
Marta Volpiani Yara Grey Ernani Magarão

Direção e Iluminação: Gianni Ratto

Idealização e Direção de Imagens em Video Cassete: Fulvio Stefanini

Cenário: Augusto Francisco

Produção Executiva: Tânia Perotto

Sonoplastia: Tunica

Cenotécnico: Arquimedes Ribeiro

Sonotécnico/Operador de Vídeo Cassete:

Celso Tavares

Iluminador: Alex Andreotti

Camareira e Contra-regra: Rose

Divulgação: ASSIM Assessoria de Imprensa

Publicidade: Lage Propaganda

Assessoria Jurídica: D'Antino e Associados

Produção de Vídeo Cassete:

D'Antino e Michelli Comunicações



Em A Venerável Mme. Goneau, com Andréa L'Abbate, Ernani Magarão, Jacques Lagoa, Yara Grey, Baby Garroux e Marta Volpiani



Com Jorge Dória em Cavalos Amarelos, 1980



Em Grita Paixão, com Cleo Ventura

mergulho na alma de tantos personagens me ajudou a compreender a minha própria e, sem querer ser pretensioso, acho que me humanizei através da representação de tantos dilemas, dramas, conspirações, amores bem e malsucedidos, decepções, conquistas e traições. Transitar pelo caleidoscópio das mais variadas emoções, porém protegido pela pele dos personagens tem sido, para mim, uma forma de ampliar o autoconhecimento e de aguçar a percepção.



Fulvio no teatro musical

Capítulo IV

Nas Asas da Canção

A música é uma das minhas paixões. No carro, trabalhando no computador e até lendo, estou sempre com o som ligado. Ouço muito *jazz*, bossa nova, e músicas americanas das décadas de 1960, 1970. Eu adoro a bossa nova. Você sabe que cheguei a participar de um espetáculo de teatro de revista? Isso aconteceu na época em que eu tinha aulas de impostação de voz e dicção com Dona Alice Pincherle, mãe de Nydia Licia. Ela me apresentou a um produtor de musicais que ia montar uma revista, uma prova de que me achava capaz de enfrentar o desafio de cantar em público. O nome dele era Zilco Ribeiro, e a produção deveria estrear em Recife e ficar em cartaz por lá durante apenas um mês. *Você topa?*, me perguntou ele. Respondi que sim, sem a menor sombra de dúvida. No avião, indo para Recife, conheci o Jô Soares, que também participava do espetáculo. Fazíamos um número em que o Jô tocava bongo e eu cantava uma música, na verdade um calipso que estava em grande moda. Havia um maestro que dava o tom no piano e nós ali, vestidos de caribenhos, ao lado de árvores estilizadas... Minha carreira de cantor foi curta, mas fiz um *show* na boate Ela Cravo e Canela; me dava muito bem com os cantores e

compositores de bossa nova e até aprendi a tocar violão. Eu era ousado, cheguei a dirigir um *show* do Baden Powell e da Ana Lucia, outro do Jair Rodrigues e ainda outro, da Marisa Gata Mansa. Mas minha experiência como diretor é pequena. Só agora, talvez ainda em 2010, é que penso em dirigir uma peça escrita por Charles Ludlam, o mesmo autor de *Irma Vap*.

114

Nessa viagem pelo túnel do tempo, volto ao ano de 1987, quando trabalhei na peça *Meno Male!*, de Juca de Oliveira, dirigida por Bibi Ferreira. Foi um *case* de sucesso, porque ficou cinco anos em cartaz e sempre com casas lotadas. No entanto, ainda com a peça em cartaz, participei da novela *Brasileiros e Brasileiras*, no SBT. Quando *Meno Male!* finalmente encerrou sua carreira, em 1992 produzi e integrei o elenco da peça *Tapas e Beijos*, de Fernando Bezerra, e logo a seguir, com direção de Bibi Ferreira, trabalhei como ator no espetáculo *Procura-se um Tenor*, de Ken Ludwig, com Juca de Oliveira, Deborah Duarte, Suzy Rêgo, Francarlos Reis, Cassiano Ricardo, Analy Alvarez, Nina de Padua e Daliléa Ayala. Animado com o sucesso alcançado, em 1994, também com direção de Bibi, produzi e trabalhei como ator na peça *Sua Excelência o Candidato*, texto de Jandira Martini e Marcos Caruso, com Carlos Capeletti, Serafim Gonzalez, Paulo Hesse, Daliléa



Elenco de Meno Male!



Tapas e Beijos, com *Angelina Muniz*



Tapas e Beijos, com *Silvia Bandeira*



Tapas e Beijos, com *Angelina Muniz* e *Silvia Bandeira*



Em Procura-se um Tenor, com Cassiano Ricardo, Juca de Oliveira, Francarlos Reis, Suzy Rego, Débora Duarte, Nina de Pádua e Analy Alvarez

Ayala e Zaíra Bueno. No ano seguinte foi a vez de produzir e trabalhar na peça *Batom*, de Walcyr Carrasco, com Luis Gustavo, Elaine Cristina e Ana Paula Arosio, que estreou nos palcos conosco. E devo dizer que ela se saiu muitíssimo bem.

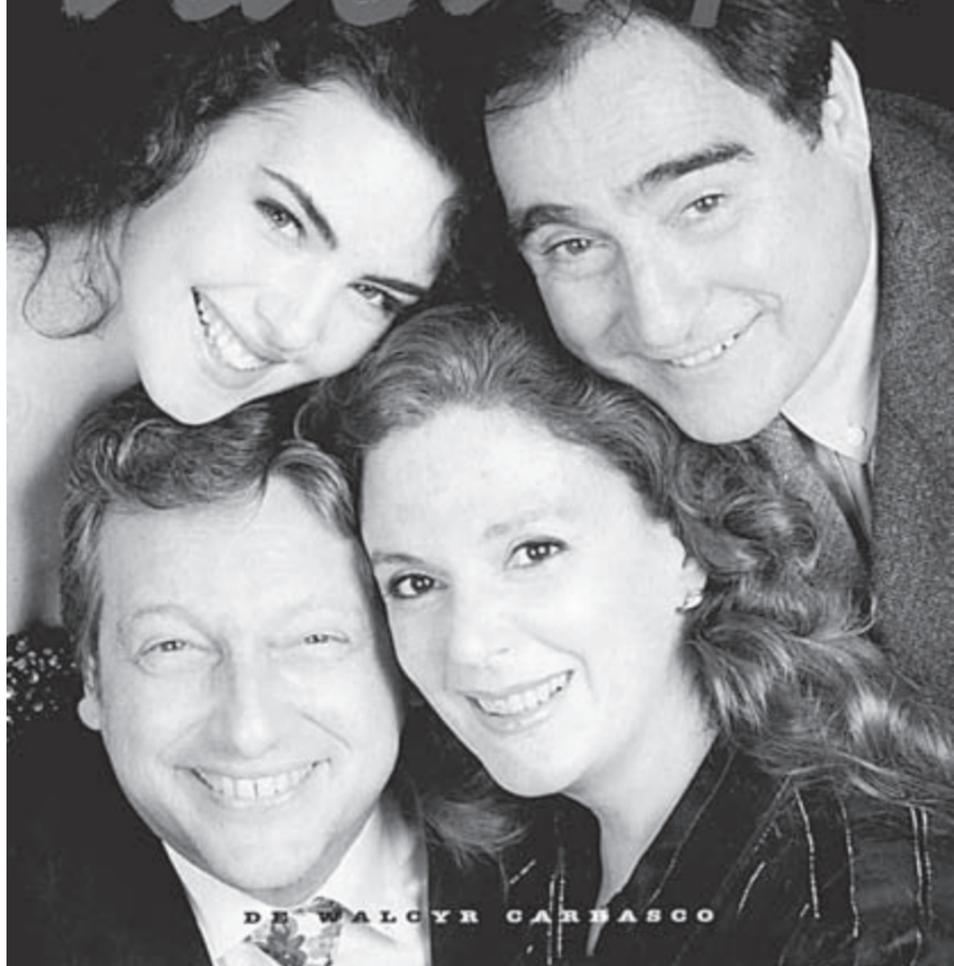
120 Ser dirigido por Bibi Ferreira é como fazer um curso de teatro. Competência, sensibilidade, bom gosto e intuição ela tem de sobra! Bibi quase não fez televisão, é uma mulher que respira teatro desde que nasceu, e sabe tudo dessa arte. Ela faz parte de um time de heróis desbravadores, de uma geração que abriu caminhos e pela qual tenho um profundo respeito, admiração e carinho. Ela inclui nomes como Dulcina de Moraes, Jayme Costa, Cleyde Yáconis, Tônia Carrero, Fernanda Montenegro, Natália Thimberg, Rubens Correa, Maria Della Costa, Sandro Polônio, Paulo Autran, Cacilda Becker e Walmor Chagas (grande, grande ator). Isso sem falar nos diretores mestres do ofício, como Adolfo Celi, Alberto D'Aversa, Maurice Vaneau, Ruggero Jacobbi, José Renato e Gianni Ratto (que me dirigiu em *A Venerável Mme. Goneau*).

Voltando ao espetáculo *Meno Male!*, gostaria de relatar aqui uma passagem que foi determinante na minha carreira, porque sinto que devo ao Juca uma postura mais responsável (e até mais profissional) diante da profissão. Aconteceu o

Pierre Alexander®

APRESENTA

batom



DE WALCYR CARNEIRO

Em *Batom*, com Ana Paula Arósio, Luis Gustavo e Elaine Cristina



Em Batom, com Ana Paula Arósio

seguinte: logo no início das apresentações de *Meno Male!* eu fiz uma pequena brincadeira em cena que resultou numa enorme preocupação do Juca. Na verdade, ele ficou com medo que o espetáculo pudesse descambar. Daí ele me convidou para almoçar e sugeri que o almoço fosse em minha casa. E assim foi. Ele me falou de sua preocupação, dizendo que, embora se tratasse de uma comédia, preferia que o tom fosse totalmente realista. Os personagens deveriam ser absolutamente verdadeiros e sinceros, o que resultaria num *gargalheiro* pelo inusitado, pelo patético, e até pelo absurdo das situações. Disse a ele que a brincadeira tinha sido um deslize infantil e que, obviamente, não voltaria a acontecer. Esse *puxão de orelha* foi tão fundamental em minha vida profissional que me serviu para sempre. Nunca mais me permiti, nem a ninguém, em hipótese alguma, qualquer brincadeira em cena. Chego a discordar daquela ideia de que *quando a coxia vai bem, tudo vai bem*. Acho que quando o palco vai bem, aí sim, tudo vai bem, ou seja, quando os atores se respeitam, quando não competem entre si para ver quem brilha mais, quando respeitam seus tempos e os dos colegas, as coisas andam melhor e o público, com certeza, percebe. Quem sai ganhando é o espetáculo e isso é o mais importante.

Outro texto de Juca de Oliveira, outro case de sucesso: entre 1997 e 2001 a peça *Caixa Dois* (que produzimos juntos e na qual vivi o personagem Roberto) lotou teatros do País inteiro e me rendeu um prêmio Shell de melhor ator de 1997. Durante a carreira de *Caixa Dois* participei das novelas *Estrela de Fogo*, na TV Record, e *Suave Veneno*, na Globo. *Estrela de Fogo* foi gravada em uma fazenda em Amparo, no interior de São Paulo, e valorizava a cultura *country*. Havia cenas em rodeios, *shows* de música sertaneja, leilões de cavalos e muitos churrascos... Foram 248 capítulos, onze meses no ar, e o elenco contava com as presenças de Cristina Prochaska, Lolita Rodrigues, Jussara Freire e Laerte Morrone. Já *Suave Veneno*, de Aguinaldo Silva, incluía no elenco José Wilker, Irene Ravache, Luana Piovani e Rodrigo Santoro.

Terminamos *Suave Veneno* em 1999 e só voltei às novelas em 2001, em *Porto dos Milagres*, de Aguinaldo Silva. Em seguida vieram *Chocolate com Pimenta*, de Walcyr Carrasco, na qual eu vivi o prefeito Vivaldo de Albuquerque, um personagem que adorei interpretar. As duas foram feitas na Globo e, depois delas, vieram ainda *Alma Gêmea* (Walcyr Carrasco) pela qual recebi o prêmio APCA de melhor ator de TV vivendo o sapateiro Oswaldo, um marido ciumento de

sangue italiano que, ao lado da mulher Divina (Neusa Maria Faro) devorava pratos e pratos de macarronada e protagonizava inúmeras brigas na pensão onde moravam. A seguir atuei em *Pé na Jaca* (Carlos Lombardi) vivendo o personagem Último Botelho Bulhões. Inicialmente eu deveria participar dos primeiros vinte capítulos, mas como o Bulhões emplacou, gravei até o capítulo 62... Trabalhei ainda em *Duas Caras* (Aguinaldo Silva), numa participação, e em alguns episódios do programa *Casos e Acasos*.

Enquanto as novelas se sucediam, trabalhei na peça de Edward Albee, dirigida por Aderbal Freire Filho, *A Peça sobre o Bebê*, que tinha no elenco Marília Gabriela, Reinaldo Gianecchini e Simone Spoladore e, logo a seguir, produzi e atuei, em 2004, no espetáculo *Até que o Sexo nos Separe*, texto de Walcyr Carrasco com direção de José Renato, com Nina de Padua e Sandra Mara. A peça foi escrita com base em depoimentos de casais, entrevistas com terapeutas e também com inspiração em revistas e livros nos quais a discussão e os conselhos para melhorar os relacionamentos chegam às raias da loucura. É um texto elegante, divertido, com uma oportuna dose de malícia. As plateias riam e aplaudiam, tivemos casas lotadas em São Paulo e também em cidades de outros Estados. Já *A Peça sobre o Bebê* não teve grande



Em A Peça Sobre o Bebê

sucesso de público, mas guardo com carinho a crítica que Gerald Thomas escreveu sobre minha atuação no espetáculo e que foi publicada no *Jornal do Brasil* em abril de 2003:

Caramba! Agora o vi no palco. E por alguns dias fiquei mudo, tentando buscar palavras para explicá-lo. Quando fui conversar com ele, depois do espetáculo, eu estava emocionado demais, então, só consegui dizer que ele era um ator que continha todos os teatros dentro dele, e fazia de todos nos momentos em que queria. Mas não é só isso.

Fulvio deve sofrer por não ter gente como eu que o reconheça como o melhor ator do Brasil. Quer dizer, para mim, agora que o vi, ele é o maior do mundo, não resta dúvida. E digo isso com a tranquilidade de quem viu John Gielgud e Alec Guinness no palco. Stefanini faz com serenidade uma transição mefistofélica e manipula o jogo cênico sem o menor esforço (aparente). E as várias camadas que esse homem é capaz de transmitir ao mesmo tempo é que me pegou. Basta ser diretor para saber o esforço que é fazer aquilo sem esforço. Fulvio joga com seus opostos e isso é preciosismo. Me calou de emoção. Meu Deus, como eu gostaria de trabalhar com esse homem, e que injustiça eu cometi em não ter prestado atenção nele antes.



Com Anselmo Duarte, Siza e Vera

Capítulo V

Telas Grandes

Assisti a tantas comédias da Atlântida sonhando em poder atuar em uma delas que minha primeira participação no cinema foi no filme *Absolutamente Certo*, um grande sucesso dirigido por Anselmo Duarte. E, novamente, tudo aconteceu por aquilo que costumamos definir como *acaso*.

Foi assim: uma das cenas do filme estava sendo gravada no auditório da TV Tupi, e, como eu era figurante fixo da emissora e o auditório deveria estar lotado, lá estava eu, nas últimas fileiras. Antes de rodar a cena, Anselmo foi até o lugar onde eu estava e disse que eu fosse me sentar bem na frente, na segunda fila. Eu deveria abrir uma lista telefônica, fingir surpresa, depois dúvida, sorrir e aplaudir enquanto o candidato ao prêmio estava sendo arguido pelo Luiz Orioni, ator que representava o apresentador do programa. Foi só o que fiz no filme, mas tenho muito prazer em dizer que participei desse marco do cinema nacional... Alguns anos depois, Anselmo e eu nos tornamos grandes amigos, e essa amizade durou até que ele se foi.

A seguir participei de *Retrato Falado de uma Mulher sem Pudor* (1982), baseado no famoso

crime da casa das pedras do Rio de Janeiro. A direção foi do Helio Porto e, no elenco, estavam John Herbert, Monique Lafond, Paulo Cesar Peireio, Jonas Bloch e Serafim Gonzales. Ano depois participei de *Quincas Borba* (1987) dirigido por Roberto Santos, no qual vivi o personagem Rubião. Em 2004, foi a vez de *Pelé Eterno*, dirigido por Anibal Massaini. Fiz a narração do filme, um documentário sobre a vida de Pelé mostrada por depoimentos de ex-jogadores, amigos e celebridades, além da exibição de vários de seus gols, principais jogadas e fatos que marcaram sua carreira. Gosto muito desse filme, que está disponível nas locadoras, e é um registro importantíssimo a que todos deveriam assistir. No ano seguinte foi a vez de atuar em *Eliana e o Segredo dos Golfinhos*, dirigido por Eliana Fonseca. Fomos filmar no México, onde ficamos quinze dias, e foi uma experiência deliciosa.

Adoro fazer cinema, porque ele tem uma linguagem semelhante à da TV, porém sem a urgência dela, o que nos permite fazer um trabalho mais elaborado. Em seguida, *Caixa Dois*, dirigido por Bruno Barreto. No filme, representei o banqueiro (que no teatro foi interpretado pelo Juca de Oliveira) e não o bancário – que tinha sido meu personagem na peça. A direção coube a Bruno Barreto, e o que mais me impressionou foi o



Vera com Eliana, durante filmagem no México

bom gosto do Bruno. Nenhum deslize quanto à estética e à qualidade da atuação e da imagem. Ele tem uma experiência fantástica, sabe o quanto cada ator pode render e transmite uma grande segurança ao elenco. Ah, tem mais um filme: *Boleiros 2*, de Ugo Giorgetti, no qual tive pequena participação, mas que significou uma grande alegria. E o último filme no qual atuei foi *Cabeça a Prêmio*, direção de Marco Ricca, recém-lançado. No elenco estão Alice Braga, Cássio Gabus Mendes, Otavio Muller, Ana Braga, Via Negromonte e Eduardo Moscovis. O roteiro é baseado no livro homônimo de Marçal Aquino. Minhas cenas foram gravadas em Campo Grande e, no papel de Mirão, ganhei menção honrosa como ator no Festival do Rio de Janeiro. Fizemos um filme de grande qualidade, e a experiência de ser dirigido pelo Marco superou minhas expectativas. Ele é um excelente diretor de atores, a coerência que imprimiu aos personagens é fantástica. Marco entende de ritmo, é ousado e fiel à sua intuição. Que prazer trabalhar com ele!



Em Caixa 2



Cenas do Hotel Coxilo

Capítulo VI

Águas Passadas

Comecei a nadar jovem ainda, no Clube Floresta, hoje Espéria. Fui um esportista compenetrado e afeito a competições, já que eu era bom nas modalidades peito e golfinho. Na época, começaram a se formar equipes juvenis de polo aquático e, modéstia à parte, eu me saía muito bem nesse jogo. Se continuasse, talvez até tivesse chegado à Seleção Brasileira.

Voltei a me aproximar da água muitos e muitos anos depois, quando Vera e eu decidimos construir uma pousada na Ilhabela. Na época eu costumava dizer *vou ao encontro do mar!* Corria o ano de 1974 e, apesar dos meus compromissos profissionais, eu pensava em sair de São Paulo e mudar de vida. Como se isso fosse fácil... Construí, na ilha, a pousada Coxilo. Ela fez sucesso, era muito procurada, mas chegou o momento da decisão: ou a carreira ou a vida de hoteleiro. Optei pela carreira, já que os convites se sucediam. A pousada durou seis anos, foi um sonho concretizado. Um belo dia recebi a visita de um argentino que adorou o lugar. Ele queria porque queria comprar a pousada, e acabei vendendo, mesmo porque eu já estava saturado dos problemas que ela acarretava.

Falando agora com você, relatando tantos episódios, lembrando colegas, peças e fatos curiosos que permearam minha carreira, me dou conta de que o balanço emocional e profissional indica que fui privilegiado. Vejo – e agradeço aos deuses – que o fator sorte existiu, mas sei que minha trajetória é também fruto de muito empenho, determinação e trabalho duro. Encontrei, ao longo de tantos anos de profissão, barreiras quase intransponíveis. Em alguns momentos vi *puxarem meu tapete*, fui surpreendido por traições, e conheci lobos disfarçados de cordeiros. Cheguei a me desiludir e a me questionar se ainda valia a pena continuar lutando. Foi nessa época que construí a pousada na Ilhabela e optei por seguir o caminho do mar, mas os convites continuaram surgindo, tentadores. O amor pela profissão falou mais alto e minha fuga durou pouco...

Na época havia outro agravante, a incerteza financeira: os contratos com as emissoras de TV não eram como os de hoje, que têm duração de quatro anos, e a instabilidade material nos afligia. Geralmente éramos contratados por um, no máximo dois anos, e quase sempre a vigência ia de janeiro a janeiro. Assim, passávamos o Natal convivendo com o fantasma do desemprego ou, pior, já nos sentindo desempregados... Eu consegui driblar esse temor graças aos bailes

de debutantes que apresentava por esse Brasil afora. Os cachês eram bons e, somados aos dos muitos comerciais que eu fazia, sempre consegui *segurar* o orçamento. Mas, confesso, passei por períodos em que me sentia como um equilibrista tentando ficar em pé na corda bamba.

Curiosamente, nunca fiz monólogos. Acho que me viciiei em contracenar, o diálogo me estimula. Pensando nisso, me lembrei de uma entrevista que, anos atrás, dei para a jornalista Nilu Lebert, hoje responsável por este livro. Na época, ela trabalhava na Editora Abril e a entrevista acabou não sendo publicada. Agora, abrindo o baú do passado, me lembrei desse episódio, relei a entrevista e vi que as respostas são as mesmas que daria hoje. Então, sugeri que (finalmente) a publicássemos na íntegra. E aí vai ela:

137

Nilu: Qual o personagem que você gostaria de ter feito e não fez?

Fulvio: Eu quis muito fazer o Conde Warrick, de *O Canto da Cotovia*, e não tive essa oportunidade. E também o Hamlet, um sonho de todo ator, mas o tempo passou e levou a juventude que o papel exige. E tem mais um personagem, o Vadinho de *Dona Flor e seus dois Maridos*. Até fui convidado para interpretá-lo no filme, mas eu estava preso a compromissos na televisão e o papel acabou sendo feito brilhantemente pelo José Wilker.

N: Já que o assunto é cinema, quais seus diretores preferidos?

F: Em primeiro lugar, Fellini. Fiquei triste quando ele morreu, porque seus filmes me impressionavam muito. Mas há alguns de Ingmar Bergman que são verdadeiras aulas de cinema. Devo dizer também que sou fã de musicais, e um dos filmes que gosto de rever é o *West Side Story*. Apesar de ter sido feito em 1961, ainda hoje me emociona. Os diretores Jerome Robbins e Robert Wise acertaram em cheio, tanto na escolha do elenco quanto no ritmo que deram à direção.

138

N: Vilões ou heróis, qual dos dois você prefere interpretar?

F: Os papéis de galã me renderam inúmeros comerciais, enquanto o fato de ser galã gerava dúvidas quanto à minha qualidade de ator. Mas, sinceramente, o que determina meu prazer em representar é a qualidade da construção do personagem, seja ele bandido ou mocinho. O prazer de um bom texto sempre é superior à índole do personagem.

N: É verdade que você já viu discos voadores?

F: É verdade. Sou fascinado pela possibilidade de existir vida em outros planetas. A primeira

vez que vi um OVNI foi da janela da minha casa quando eu ainda era menino. Depois de adulto, fui surpreendido por um num final de tarde, na praia do Arpoador. Era uma grande luz de mercúrio, que sumiu no horizonte e foi vista por mim e por todas as pessoas que estavam lá. Até os jornais do dia seguinte comentaram o fato. E a última vez foi aqui em São Paulo, pela janela da casa em que morávamos, no bairro do Campo Belo. Era madrugada quando vi uma luz fortíssima, ao lado de uma estrela. Fiquei observando por uns dez ou quinze minutos e essa luz aumentava e diminuía, sempre no mesmo lugar. Foi quando tive vontade de fazer xixi, e ao voltar só a estrela continuava lá. No dia seguinte o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma reportagem porque várias outras pessoas haviam visto o mesmo que eu.

139

N: Fazer teatro é fundamental para o ator que trabalha em televisão?

F: Eu diria que sim. É claro que existem bons atores formados na TV, mas que não tiveram a experiência de passar pelo teatro. E é em cena aberta que você se mostra por inteiro, não divide responsabilidades. Se não tiver talento e competência você é obrigado a cair fora. Além do mais, a TV tem outros recursos, inclusive tecnológicos, que salvam a pele de uma atuação mediana.

N: Sua carreira é uma coletânea de grandes sucessos. Você já experimentou algum fracasso?

F: Já, e fico enlouquecido quando isso acontece. Acho que me sinto rejeitado porque fui mal-acostumado. Tive muita sorte, foram poucos os fracassos. Mas eles aconteceram, e me deixaram bem deprimido...

N: É verdade que existe uma plateia inteligente e, outra, que os atores chamam de *burra*?

F: É a pura verdade. Tanto uma como a outra se revelam nos primeiros minutos do espetáculo. A burra ri nas horas erradas, ri de gracinhas, e a plateia inteligente ri da verdadeira graça, percebe a diferença? E a energia que os atores sentem no palco é decorrente da boa ou má qualidade da plateia. Plateias burras dificultam o trabalho do ator porque ameaçam sua sintonia com o público, e é preciso um grande esforço para reconquistá-la. Mas dá para perceber claramente quando a plateia, a inteligente, estabelece conosco uma ligação real. Aí acontece a tal sintonia fina que engrandece o espetáculo.

N: O que você diria aos atores iniciantes?

F: Hoje em dia é muito difícil encontrar alguém disposto a enfrentar a dureza da carreira e a

dedicação que ela exige. Sim, porque ela exige disciplina, não permite inconseqüências, e muitas vezes demanda um trabalho braçal. O que mais se vê, entre os jovens, é o desejo da exposição na TV, e isso não tem nada a ver com a consciência do que o teatro realmente é, uma manifestação mais séria e mais profunda da arte. A EAD (Escola de Arte Dramática de São Paulo) gerou atores maravilhosos, e os poucos que têm essa vocação artesanal, que têm compromisso com seus ideais, ainda vão para lá. Mas, é claro, existem outras boas escolas. Determinação é fundamental, assim como a consciência de que o processo de formação do ator é lento. É preciso batalhar para seguir esse ofício, ampliar a formação cultural, ir ao teatro, analisar, ler, conhecer mais profundamente essa maluquice que é a nossa vida. Cada dia, no teatro, nos traz uma nova descoberta, seja na forma de representar o personagem, no tom, ou na forma de nos relacionarmos com tudo que está à nossa volta. O desafio é permanente.

141

N: O ator não perde o estímulo ao representar a mesma peça durante muito tempo, como aconteceu com você na peça *Meno Male!*?

F: *Meno Male!* foi um sucesso absoluto durante cinco anos, estimamos que essa peça tenha sido vista por 1.200.000 pessoas. Em Recife



COMPANHIA BRASILEIRA
DE COMÉDIA

apresenta
uma comédia de
JUCA DE OLIVEIRA

direção de
BIBI FERREIRA

MENO MALE!

LUIS
GUSTAVO

NICOLE
PUZZI

elenco:

JUCA
DE OLIVEIRA

MARIA
ESTELA

FULVIO
STEFANINI

MARCELA
RAFEA

Patrocinador: TBC/BCJO

APOIO CULTURAL



Lloyds
Bank

Patrocínio através da Lei 7.505/86

Meno Male!: *programa*

nos apresentamos no Centro Guararapes, que tinha 2.400 lugares, mas o público chegava a 2.700 pessoas, as pessoas ficavam pelas escadas, parecia o Maracanã em final de campeonato... Devo confessar que quando a carreira da peça se prolonga tanto assim acaba ficando monótono, repetitivo, e corremos o risco de nos sentirmos como funcionários públicos. Mas quando desembarcávamos nos aeroportos para apresentar a peça em outras cidades, parecíamos a seleção brasileira de futebol: fotógrafos, jornalistas e fãs se amontoavam, era uma grande loucura, um grande desafio, um recomeço. Com a peça *Caixa Dois* aconteceu a mesma coisa.

143

N: O público de São Paulo é diferente do público carioca? De que maneira?

F: No Rio, o público é mais afeito às comédias rasgadas, enquanto o paulistano é mais exigente e conservador. Mas ele sabe ser tão caloroso quanto o carioca.

N: O que você já fez e que nunca pensou em fazer?

F: Pilotar um teco-teco! Isso aconteceu quando fui apresentar um baile de debutantes em Cascavel, no Paraná. Na época, meu empresário tinha um desses aviõezinhos. Na hora de sair, um

Juca de Oliveira

Fulvio Stefanini

CAIXA 2

comédia de
Juca de Oliveira

direção
Paulo Assis

Sozy Rêgo
Ariz Comidada
Participação Especial

Cassiano Ricardo
Cláudia Mello
Petrucci Gontijo

Assistente de direção
Cenários e figurinos
Iluminação
Trilha sonora
Fotos e projeto gráfico
Desenvolvimento gráfico
Sonorização
Assessoria de imprensa
Captação de recursos
Locuções

Luiz J. Queiroz e Benê Florido
Mário Mendes
Luiz Figueiredo e Faust Assis
Toniz e Alvo Meyer
Gil Caputo
Helena Ornamato
Sotunga Mendes
Paulo de Simone
Yatru Guadiz
Helen Helena
Amleto de Andrade
Márcia Bortolotto
Paulo Ivo

Confecção de caberlins
Operador de som
Operador de luz
Diretor de palco
Cantadeira
Costureira
Montagem de luz

Zairi Dóis Studio Próximo e Arte
Sotunga Mendes
Luiz Figueiredo
Paulo Pariani
Rita Figueiredo
Judis de Lima
Márcia Lauriano
Márcia Bortolotto
Paulo Pariani

Montagem de som
Assistente de produção
Produção executiva e administração
Direção de produção

Sotunga Mendes e Paulo Pariani
Leonardo Ventura
Renata Baskerville
Célia Pagan

Realização

F5. Produções Artísticas



Caixa 2: elenco



Em Caixa 2

problema: havia um vazamento de gasolina, mas o piloto nos garantiu que não era nada grave, que chegaríamos sem problema. Já lá no alto, ele sugeriu que eu pegasse o manche e dirigisse um pouco. Peguei, claro, mas a sensação de que iria dar uma trombada nas nuvens era enorme, eu queria me desviar delas... Assim, minha carreira de piloto só durou alguns minutos. Ainda bem.

N: Como foi sua experiência como ator de telenovelas?

F: Fiz poucas, bem no começo da carreira, mas o que me motivava mesmo era o cachê, que era bem razoável. Mas essa experiência, do ponto de vista artístico, não me acrescentou nada.

N: Como você vê o papel que a televisão desempenha na formação do público?

F: Acho que a televisão é um veículo poderoso, mas tenho sentido que ela estabelece parâmetros que são importantes para ela e, de alguma forma, os impõe ao público sem deixar margem para outras indagações. Se a TV diz que tal coisa é boa, vira lei. É a exclusão do questionamento. Há uma espécie de imposição do conceito de qualidade estabelecido na telinha, e as pessoas se submetem a ele, absorvendo as mensagens transmitidas. Confesso que me assusto quando,



Revista Sétimo Céu: fotonovela Corações em Conflito, de Janete Clair, com Lúcia Alves

depois de assistirem a um espetáculo de teatro, é comum que venham me cumprimentar dizendo: *Gostei muito daquela novela sua...* Essas pessoas foram ao teatro, estiveram lá fisicamente, viram os atores em cena, mas não enxergaram. Percebe a diferença? É assustador pensar que elas perderam o discernimento, que desistiram de pensar e se impermeabilizaram, se cristalizaram.

N: Você transmite a imagem de uma pessoa calma. Em que momentos você se irrita?

F: São muitas as coisas que me deixam indignado, revoltado mesmo: a impunidade, a crueldade com os animais, o descaso dos governantes, sobretudo em relação à educação e à saúde, o desmatamento, a falta de civilidade, que inclui o fato de ainda existir gente soltando balões por aí. A falta de exercício da cidadania, aquilo que é feito por baixo dos panos, enfim, a lista é grande, minha revolta também. Melhor parar por aqui.

Capítulo VII

Novos Tempos

A última novela que fiz foi em 2009, representando o personagem Frederico em *Caras e Bocas* (Rede Globo, de Walcyr Carrasco), um advogado enigmático e ambicioso que não economizava intrigas e armações para alcançar seus objetivos. O que vem pela frente? Não sei, não faço planos, deixo a vida me levar como manda a canção, e recebo com prazer os presentes que ela me traz. O tempo me ensinou a aceitar o que é imutável, e me ajudou a descobrir o caminho para dentro de mim mesmo. Não tenho obrigação de impressionar ninguém, e é de peito aberto que eu vou. E assim, tendo me apresentado sem representar, conforme combinado no começo do livro, deixo com você as palavras de um texto atribuído a Jorge Luis Borges que me faz pensar:

149

Se eu pudesse viver novamente a minha vida na próxima trataria de cometer mais erros. Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais. Seria mais tolo ainda do que tenho sido. E na verdade bem poucas coisas levaria a sério.

Nota do Autor

Para completar a biografia de Fulvio, resolvi ouvir alguns dos seus colegas de profissão, os filhos e amigos. Recebi depoimentos tão preciosos que decidi compartilhá-los com vocês. Aí vão eles, em ordem alfabética:



Fúlvio Stefanini

“ESTA É A MINHA VIDA”

Fúlvio Stefanini tem hoje 26 anos de idade. Mas já tem 11 de TV. Começou dublando vozes, foi até cantor e acabou ator famoso de telenovela. Espera realizar ainda muito no teatro e TV. Mas o seu sonho mais profundo é ser diretor de cinema. Enquanto isso não acontece, ele continua com as telenovelas (está no elenco de “A Indomável”) onde consegue, além de sucesso, aperfeiçoar suas qualidades de ator. Hoje contamos sua vida.

MINHA VIDA



2 — Aos seis meses Fúlvio já era tão louro quanto hoje, mas careca — coisa que espera não tornar a acontecer. Ele nasceu onde fica o Palácio do Governo, em São Paulo, filho de pai italiano.



3 — É meio difícil ser atleta aos 11 meses, mas o tio Aldo Pardini — produtor do filme "João Gangorra" — não deixa por menos. E lá vai ele para os ombros.



4 — Fúlvio criança não gostava de automóvel (chorava muito). Hoje, gosta e muito. Por isso tem um Volkswagen e quer mais outros dois.



5 — Aos dois anos de idade foi pela primeira vez ao fotógrafo, sentou-se na poltrona tradicional, ouviu o "olha o passarinho", e com a expressão: "Deixem eu crescer para vocês verem só o que eu vou fazer".



6 — Fúlvio tinha sua turma: a dos Campos Eliseos. Ela era especializada tanto em quebrar vidraças como em armar tendinhas de índio no quintal. Os dois do lado são seus lugares - tenentes, sempre prontos para a ação.



7 — Nas festas do grupo escolar havia fotógrafo contratado para fixar o histórico momento. E Fúlvio estava em tôdas (porque mamãe queria e porque êle gostava). Ficava sempre na primeira fila (é o quarto a contar da esquerda) e sempre recebia medalhinhas por sua aplicação.



8 — Passeava muito (Santos principalmente) e de vez em quando lá ia êle, chuteiras, calção, meias e camisa, imitando Oberdam e Bino, ao Hôrto Florestal.



10 — Na primeira série do ginásio (Liceu Coração de Jesus) Fúlvio continuou sendo um bom aluno, ganhando medalhinhas e sendo um dos primeiros da classe. Continuará a ser o mesmo, não fôsse o futebol. Por causa dêle juntou-se à turminha brava e nunca mais conseguiu ser o primeiro.

11 — Mesmo assim continuava arrumadinho, muito sorridente e feliz, posando com jeito de bom aluno e de criança que tem todos os problemas resolvidos. Mas era bom mesmo em futebol.



9 — A turma de Fúlvio nos Campos Eliseos era "de morte". Dela faziam parte seus dois irmãos, Arnaldo e Fábio (maiores do que êle). Mas na hora de ser menino sério assumia ar compenetrado e devoto, como quando fêz sua primeira comunhão, na igreja do Largo Coração de Jesus.



MINHA VIDA



12 — E entrou para o time do colégio (principal), saindo do gol e jogando na linha. Os padres que sofriam com êle nas salas de aula, vibravam nos jogos em que êle conseguia a vitória do Liceu. Mas uma briga dentro da igreja do Colégio obrigou-o a mudar de escola.



13 — Mas nos esportes tudo ia bem. Além de futebol, foi campeão paulista dos 100 metros nado de peito (juniors). E no pólo aquático era um "astro" ao lado de Henrique Fílelini (último da 1.ª fila) que chegou à seleção do Brasil.



14 — Aos 15 anos — terminado o ginásio — parou de estudar. Queria ser ator e fez sua primeira aparição na TV (Tupi). Quase não falou em cena. Só andava.



15 — Mas sua carreira dá um salto algum tempo depois. Em "Scaramouche", contracenando com Ricardo Garcia, êle é ator completo. Fala, ri, chora, participa da história e é até espadachim.

16 — Aos 17 anos, atuando em vários programas da Tupi — alguns infantis — Fúlvio Stefanini sorri com a certeza de que tudo estava caminhando bem.





17 — E está mesmo. Faz um bandido (muito mau) no seriado "O Invisível", ao lado de Henrique Martins e Percy Ayres.

18 — Com 18 anos, ainda na TV, ingressa no teatro. Fêz um dos "Três Anjos sem Asa" que o Teatro Bela Vista montou.



19 — Depois de viajar com Zilco Ribeiro para Recife, Fúlvio reingressa na companhia de Sérgio e Nidia Licia. Depois resolve aderir aos "Jograis" e com eles viaja para várias cidades.



20 — Ainda em companhia dos "Jograis" — excursiona para o Exterior, indo apresentar-se em vários países americanos. Um deles é o Uruguai.

21 — Antes de passar para a Excelsior, Fúlvio dublou vozes, fêz comerciais para a TV, teatro ("Idade dos Homens") e outras pequeninas coisas. Na Excelsior entrou firme nas telenovelas e foi personagem de destaque em "A Outra Face de Anita", fazendo um médico que todos lembram.

Capítulo VIII

Depoimentos – Ele por eles

Celebrando a Amizade

Conheço Fulvio desde o início da minha carreira, porque começamos praticamente juntos na TV Tupi, onde ele dava seus primeiros passos na carreira profissional trabalhando como figurante da emissora. Nos tornamos amigos já naquela época, e lá se vão mais de cinquenta anos nos quais a nossa amizade só aumentou.

Na novela As Pupilas do Sr. Reitor representei o papel de irmão dele e é assim que sinto o Fulvio: um irmão de verdade! Fui um dos primeiros a segurar nos braços o Fulvinho, seu filho mais velho, ainda bebê. Juntos, vivemos grandes momentos, tivemos longas conversas, e falar sobre ele neste livro é um prazer e uma honra.

Este depoimento não é do artista ou do cantor Agnaldo Rayol, mas, sim, do admirador do talento extraordinário do ator Stefanini e da generosidade de um querido amigo. Do fundo do coração desejo que ele continue a nos encantar com sua arte, e que possamos continuar, sempre, comemorando nossa amizade com muita alegria.

Agnaldo Rayol

DEPOIMENTO IRENE RAVACHE

Eu amo o Fulvio!

Nos conhecemos num teatro da Tijuca, na década de 60. A peça era *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueiredo (isso mesmo, o irmão do ex-presidente da República). O personagem principal, Esopo, era interpretado por Sergio Cardoso. Lá pelo meio do espetáculo entra em cena um soldado romano. Com aquele porte e aquela voz, só podia ser um soldado romano de verdade, e acreditei nele imediatamente. Era um belo soldado. E repito: BELO!

158 Naquela época eu era apenas uma estudante de teatro, uma espectadora sem acesso aos soldados romanos...

Fui reencontrá-lo anos depois, já como colega, na TV Excelsior de São Paulo, mais precisamente no seriado *Os Galãs Atacam de Madrugada*. E ficamos amigos. Sinto muita saudade do tempo em que fomos vizinhos e reuníamos nossas famílias. Quanta risada, quantas bobagens gostosas! Mas também tinha muita conversa de gente grande.

Fulvio é um ator reconhecido pelos seus pares, pela crítica e, principalmente, pelo público. Seu trabalho é premiado no teatro, no cinema e na

televisão. E, eu, já tive acessos de riso com ele não só na platéia, mas também... no palco! Tive até que parar, por alguns minutos, o espetáculo *Tem um Psicanalista em nossa Cama* de tanto que eu ria. Ria de chorar... Nosso colega de cena, o saudoso Serafim Gonzales, vermelho como um pimentão, se esforçava para segurar o riso. E Fulvio? Impecável! O público se deliciava, cúmplice desse maravilhoso ator.

Tantas histórias eu teria para contar... Mas paro por aqui e assino esse depoimento como comecei, escrevendo com o coração:

Eu amo o Fulvio!

Atrás das Cortinas

Conheci o Fulvio pessoalmente, nos ensaios de Feira do Adulterio, sob direção de Jô Soares. Eu interpretava os papéis de Rosamaria Murtinho que, naquele momento, estava fazendo uma novela e não podia estar presente ao espetáculo todos os dias da semana. Tinha poucas cenas com Fulvio, mas dava muito valor aos momentos em que o assistia da coxia. Era uma aula de humor, de comédia, de fazer rir com uma facilidade até irritante... Como esquecer as cenas do cozinheiro com o vidro de maionese nas mãos? Aprendi muito naquela coxia.

Anos depois fizemos juntos Grita Paixão de Walcyr Carrasco. Éramos só nós dois em cena, e foi um trabalho muito prazeroso pois o Fulvio é um ator absolutamente verdadeiro, que está inteiro em todas as cenas. A peça não era uma comédia e, mais uma vez, pude admirar o trabalho dele, dessa vez, comovente. Tempos depois ele me chamou para substituir a Elaine Cristina em Batom, também do Walcyr. Era uma comédia muito divertida, e ele e Luis Gustavo deslizavam de uma cena pra outra, arrancando risos e aplausos da plateia.

O público reconhece o talento de Fulvio há muitos anos, mas acho importante revelar que,

do lado de cá da coxia, ele também angaria muitos admiradores.

Cléo Ventura

Fora dos Palcos

Fulvio é um bom parceiro de cena. É ótimo ator e mergulha com coragem e talento em interpretações bem-humoradas. Tem um humor inteligente e brincalhão, característica daquilo que nós atores chamamos de prazer lúdico: o prazer da brincadeira.

162 *Foram poucas as nossas parcerias profissionais, mas foram suficientes para contracenarmos com sintonia e com prazer.*

Mas os melhores momentos de nosso convívio foram vividos na vida real, na época em que os espetáculos teatrais eram de terças a domingos, quando nós, da classe teatral, nos encontrávamos depois dos espetáculos num restaurante que frequentávamos para jantar, para trocar ideias e para relaxar. Foi nessa época que conheci Fulvio e Vera, sua esposa. Sempre juntos, ambos dispostos a um bom papo, troca de ideias, e boas risadas, confraternizações. Essas lembranças são para sempre! Obrigada Vera, obrigada Fulvio.

Eva Wilma

Papai na Plateia

Há aqueles projetos que nos parecem distantes e cuja realização só ocorre em sonhos de noites bem dormidas. Para mim, representar era um deles.

Fiz escola de teatro, e após vários anos pouco produtivos neste ramo, já que não era a minha única opção profissional. Mas não me esqueço da noite em que me encontrei sobre o palco do teatro Bibi Ferreira, em dia de estreia, para encenar uma peça de Tchecov.

Na plateia, Fulvio pai, meu pai.

Sua presença já era esperada, é claro, mas ao olhar pelo orifício do pano que separava os atores da plateia, não pude deixar de sussurrar: Olha lá! meu pai naquela fileira! A plateia murmurou com os olhares voltados para ele e eu também, através do pano roto.

E agora? Ele vai gostar do meu trabalho?

Ele é muito crítico, sempre foi! Errar sob seu olhar nunca fora muito fácil.

Pensei: Fulvinho, ele é teu pai, pode parecer um pouco sobre-humano aos olhos dos outros, mas não aos teus! Você o conhece e sabe que todas

as críticas por ele feitas sempre tiveram o intuito de construir!

O primeiro sinal tocou.

E agora? Meu Deus! Ele me conhece bem e perceberá em cada nuance as falhas...

Não, ele é generoso! Fácil perceber. Basta observar como respeita os animais e como preza a honestidade.

Consigno por alguns momentos me livrar da imagem do pai crítico, sóbrio, e imediatamente esboço um sorriso ao lembrar-me do pai extremamente engraçado, espirituoso, que ri de todas as situações inusitadas.

164

Ao fim do segundo sinal já estava nervoso novamente.

Mas, e se ele não gostar?

Bem, ele vai dizer, porque é franco. Vai dizer com a mesma franqueza que diz a quem quiser ouvir que a simplicidade é o essencial e que dinheiro e status não são, em hipótese alguma, fontes de virtude. O macarrão sim! Este é a fonte de virtudes! Nossa, que paixão por macarrão! Para ele, nada melhor que um rigatone al dente, pouco molho e a inevitável camisa suja de vermelho.

E se eu esquecer o texto? Será que ele poderá ajudar daquela fileira lá atrás? Talvez, por que não?

Ele sempre resolveu tudo. Ele se lembra de tudo! Tem uma memória inacreditável, adora matemática e conta azulejos... Sim, ele conta azulejos e lava as mãos com sabonete de erva-doce antes de dormir. Bem, manias todos nós temos.

O terceiro sinal, e... palco!

Ele assistiu e gostou.

Sua presença não me intimidou, e me senti confortável da mesma forma que me sentia nos anos 1980, deitado com meu irmão sobre um colchão no porta-malas de uma Caravan verde, conduzida por meu pai pelas curvas enevoadas da estrada dos Tamoios, ao som de O Bêbado e a Equilibrista na voz de Elis Regina. A sensação era a de plena comunhão da família, e navegávamos em direção a Ilhabela em uma nave conduzida por um grande capitão.

Finda a peça de Tchecov, encontro meu pai entrando nos camarins, com seus olhos azuis úmidos de lágrimas recém-evaporadas.

Fulvio Stefanini Filho

Um Convite

Memória é um instrumento que eu não posso dizer que controlo. Com o tempo, infelizmente, os neurônios vão nos abandonando e, por mais reforços medicinais que a gente engula, somente sobram na lembrança algumas luzes que teimam em ficar piscando; mas, nas minhas gavetas, meio ranhetas, as fotos que ainda mantenho do Fulvio estão vivas e bem coloridas. E não são poucas! O mais importante que eu posso dizer é que, como diretor teatral, com experiência de mais de 50 anos de palco, quando penso em formar elenco para alguma peça, uma das primeiras coisas que me ocorrem é: Ah, se o Fulvio quisesse fazer esse papel?! E por quê? Porque, nas minhas experiências vividas com o Fulvio atuando registrei que ele tem o dom raro de se comunicar com o público com uma generosidade e facilidade incomum; seu humor e desfaçatez em cena são invejáveis; ele está sempre absolutamente à vontade, resolvendo permanentemente as cenas pelo caminho do bom senso e da alegria. Ele tem uma instintiva percepção dos meandros dos personagens que interpreta, valorizando cada pequena descoberta e ampliando sensivelmente a dimensão do humano, fundamental no nosso trabalho. Por isso, repito: quem me dera ter o Fulvio mais frequentemente presente nas produções que di-

rijo! Infelizmente, ele é muito requisitado pelas dezenas de concorrentes que o disputam comigo! Outro aspecto que registro e importantíssimo: Todas as vezes em que Fulvio e eu trabalhamos juntos o espetáculo foi sucesso; desde as peças do João Bethencourt, ou do Juca de Oliveira, ou do Walcyr Carrasco, ou de autores europeus, com estes ou aqueles companheiros, conseguimos uma tal harmonia que o empreendimento logrou permanecer em cartaz por longas temporadas. E o público sublinhava sempre as suas cenas com as melhores reações. Nas carreiras de muitos militantes desta arte conflitante que é o teatro, deparamos algumas vezes com a baixa frequência de público, por esta ou aquela razão. Mas nos espetáculos que tivemos a felicidade de militarmos juntos, só conhecemos grandes, incomparáveis, sucessos! Por isso, este curto depoimento, na realidade, não é senão um convite: Fulvio, descobri uma peça ótima! Vamos montá-la?

167

José Renato

Um Brinde

Fulvio é um dos mais importantes e talentosos atores do teatro brasileiro. Apaixonado pelo palco enriqueceu a longa galeria de persona-

gens que representou com a sua inconfundível presença forte e carismática. Dono de uma voz privilegiada, impostação perfeita, inteligência cênica e finíssimo humor, pode viver com perfeição os protagonistas dos grandes dramaturgos clássicos, tanto no campo da tragédia como da comédia. Tive o privilégio de atuar ao seu lado em várias produções teatrais e também na televisão. A primeira vez em Meno Male!, uma de minhas peças que permaneceram vários anos em cartaz com casas absolutamente lotadas, graças à participação dele no papel de Secretário de Estado. Anos depois em Caixa Dois, também um dos grandes sucessos do teatro brasileiro, outra vez graças à participação de Fulvio no comovente papel do bancário, que com grande justiça lhe rendeu o prêmio de melhor ator. Além dessas dobradinhas profissionais, Fulvio me concedeu a alegria de uma longa e leal amizade de várias décadas, sempre temperada com otimismo e muito humor. Quando nos encontramos, o que mais fazemos é rir, o que não é pouco hoje em dia, quando as razões para alegrias explícitas andam tão escassas... Outra coisa que adoramos fazer juntos é tomar um drinque, eufemismo para tomar um monte de drinks. Quando precisava ligar para o Fulvio por qualquer razão, e ele dizia sim ou pois não ao atender, ao invés de continuar com aqui é o Juca, Fauvim (Fauvim

é como a querida Vera Dulce, mulher do Fulvio, chama o Fulvio) eu adorava me identificar com o barulhinho das pedras de gelo no copo de cristal até a borda de honesto scotch whisky: – crê-crê-crê... Era a senha de saca como a vida está maravilhosa! E Fulvio também. Toda ligação dele vinha precedida do indefectível crê-crê-crê, antes de qualquer palavra. Quando desconfiava que o chamado era dele eu passava a mão no meu whisky e lá ficávamos os dois crê-crê-crê pra cá, crê-crê-crê pra lá, sem dizermos nada um tempo. Claro que era uma tremenda idiotice, mas a gente se divertia pra valer. Digo, se divertia no passado porque suspendi provisoriamente os drinques e não temos nos encontrado ultimamente para beber, falar mal dos colegas, falar bem da gente e rir à beça! E devo confessar que neste período de nada espontânea abstinência a vida perdeu quase que completamente o sentido, pois fui condenado a substituir o delicioso devaneio dos restaurantes e botequins por uma lucidez tempo integral: dá pra imaginar o que significa encarar a era Lula a seco, gente? Mas como não há mal que sempre dure, pretendo brevemente passar a mão num copo de gelo, despejar umas três boas doses e ligar pro Fulvio para retomarmos os papos, o riso – e o que é melhor – o nosso trabalho no tablado, sobre o qual Fulvio Stefanini é o mestre dos mestres!

Toca o telefone, Fulvio vai atender.

FULVIO (Pegando o telefone) – *Alô, quem é?*

JUCA (Batendo o gelo no copo) – *crê-crê-crê-crê-crê-crê...*

Juca de Oliveira

Na Primeira Fila

Estou chegando ao abandonado Teatro Paiol, para um ensaio, e pego o recado. Leonardo, é a Nilu, você poderia escrever um depoimento para o livro do seu pai?

170

Entro no teatro e me lembro do início dos anos 1980, quando ali ele encenou A Venerável Mme. Goneau. Grande sucesso, briga na porta! De lá para cá, foram muitas novelas (a cada uma, lá íamos nós para o Rio), muitas peças (a cada uma, voltávamos pra São Paulo). Coxias, bastidores, borderôs, gargalhadas.

Até que, aos 30 anos, tive a oportunidade de trabalhar com ele em um espetáculo de enorme sucesso, no qual eu fazia desde a produção até a contrarregragem. Vê-lo no palco todos os dias, por três anos, foi como fazer uma universidade.

Atuação, timing, piada, jogo, sedução; tinha aula de tudo. Com direito a pós-graduação em bom humor. Este é o grande combustível de sua vida. Foram 50 cidades, centenas de plateias, milhares de corações. Sim, ele é um ator que se comunica com o coração das pessoas!

Graças a esta experiência, aqui estou eu entrando no teatro Paiol.

Hoje, Dia dos Pais, o almoço foi rápido. E lá foi ele, babando para o teatro, para mais uma vez encantar a plateia com um grande trabalho. Vai ansioso, querendo saber se estará lotado, como a plateia vai reagir, como será a sessão. Ele é tarado por teatro!

171

Amanhã, eu estreio. Ele estará na primeira fila. Me ajudando, me encorajando e me ensinando. Como sempre.

Leonardo Stefanini

Surpresa

A primeira vez que fui a São Paulo, então com 16 anos, tive a oportunidade de assistir a Caixa Dois. Acho que nunca me diverti tanto com uma peça. Quantas risadas o Fulvio havia me

provocado! Naquela época não imaginava que um dia seria ator. Já trabalhando na televisão, na novela Alma Gêmea, imaginem só, o Fulvio foi meu pai! Que prazer foi contracenar com o ator genial e também bater altos papos com o homem de grande caráter, divertido, contador de histórias incríveis... Demos boas risadas! Recentemente fizemos também Caras e Bocas e foi um barato! Minha admiração por ele é enorme. Sua dedicação à família e ao trabalho são referências para mim e nossa amizade é preciosa. E não se esqueça, Fulvio: uma vez pai, sempre pai!

Malvino Salvador

172

Parceria

O que dizer deste grande ator, deste amigo, deste bom papo, deste excelente contador de histórias? Fulvio é destes atores raros. É um desmistificador da profissão.

Acredita mais no ofício do que no tempo que o exerce. O tempo de serviços prestados a essa profissão já o credenciaria na galeria dos grandes. Porém, assim como poucos excepcionais, segue como uma criança que descobre dia a dia a sua arte. A generosidade é seu lema.

Dono de um talento cômico é também capaz de levar a plateia às lágrimas num único suspiro. Sabe ouvir o riso e o silêncio de uma plateia. Sua voz única acaricia os ouvintes. Modulando conforme as necessidades de seus personagens.

Não se inventa um Fulvio, nasce-se assim. Apenas o tempo vai lapidando, aperfeiçoando, e enchendo de poesia o seu arsenal inesgotável. Eternamente terei que agradecer a esse grande mestre por me dar a honra de dirigí-lo por duas vezes.

Até o próximo trabalho.

Marco Ricca

173

Na Intimidade do Lar

Seria óbvio falar do talento, da generosidade, do companheirismo e da alegria que é dividir o palco com ele. Então, vou direto ao ponto, que é a família Stefanini, genial e talentosa, que ele criou e da qual me sinto membro honorário. Fulvio e eu somos do mesmo signo, e até com a ranzinze eventual dele eu me identifico... Mas a melhor definição dada a ele é da Marlene Colé, uma camareira muito querida: Talento e Formosura!

Nina de Padua

O Começo

Lembro-me do dia em que Fulvio apareceu no teatro Bela Vista – onde hoje é o teatro Sérgio Cardoso – para participar da leitura da peça Três Anjos sem Asas, de Albert Husson, dirigido por Sérgio. Estávamos em 1957.

Era um rapaz magrinho, meio tímido, brincalhão, ansioso para estrear em teatro. Quando apareceu em cena na primeira matinê da peça, com seu elegante uniforme de oficial francês, arrancou suspiros e gritinhos das garotas da plateia.

174 *A seguir participou comigo da peça Oração para uma Negra, de William Faulkner. Vivia o papel do amante cafajeste que iria fugir com a protagonista. Já estava bem mais seguro de si, mais confiante, embora continuasse brincalhão e quase moleque.*

Na terceira interpretação: O Soldado Tanaka, de Georg Kaiser, foi um advogado de defesa japonês. Sua voz estava mais firme e a postura mais decidida.

A partir daí ninguém o seguraria mais. De peça em peça, de novela em novela Fulvio foi se firmando na admiração do público que acompanhava sua carreira com carinho. Hoje em dia (nem tímido nem magrinho) continua

gozando de grande popularidade em sua carreira sempre ascensional.

Nydia Licia

De Fã a Companheiro

Fui apresentado ao Fulvio pela nossa colega Suzy Rêgo. Na época, Suzi trabalhava com ele em Caixa Dois e eu estava na peça Medeia, dirigida por Jorge Takla. Nos encontrávamos em restaurantes, depois do teatro. Conversávamos um pouco, mas não dava para imaginar que eu, o fã, alguns anos depois estaria dividindo o palco com ele. Pois foi exatamente isso que aconteceu em A Grande Volta, peça que ainda estamos representando no teatro Faap, em São Paulo.

175

A convivência com o ídolo me relaxou. Pudera! Com o humor que ele tem, criamos imediatamente um vínculo baseado no riso. Trabalhamos juntos na novela Pé na Jaca, e como Fulvio é brincalhão e eu também, essa ponte feita pelo humor nos levou mais longe, e construímos uma bela amizade. Durante todo o tempo das gravações da novela conversamos sobre literatura, teatro, trocamos ideias sobre essa vida maluca que levamos. Essas conversas me alimentavam e ainda me alimentam, estimulam e me fazem pensar.

Quando recebi o convite para trabalharmos juntos em A Grande Volta, só pude responder: Se ele me aceitar, vou adorar! Ao final da primeira leitura da peça nós dois ficamos arrepiados e nos abraçamos. Mas, durante os ensaios quase enlouquecemos nosso diretor, Marco Ricca, com as piadas que fazíamos. Piadas que, na verdade, só tinham graça para nós dois. Havia uma para cada cena, além dos jargões e até músicas. Alguém aí já ouviu o Fulvio cantando Babalu? Pois é...

176

Tive a felicidade de contracenar com outros grandes atores, como Lima Duarte, Fernanda Montenegro e Tony Ramos, mas Fulvio foi o primeiro da galeria dos grandes com quem tive a oportunidade de conversar com intimidade. E agora vejo que não dá para falar do Fulvio sem falar na Vera. A parceria que existe entre eles faz dos dois quase que a mesma pessoa. As frases do Fulvio sempre terminam com não é, Vera? Ela é a cúmplice, a companheira, a catalisadora. Fico imaginando uma coisa: se colocassem os dois num palco e dessem um tema para eles, com certeza iria rolar uma peça de teatro!

Na receita do ator Stefanini existem três ingredientes básicos: generosidade, sabedoria e virtuosismo. Quando vou para o teatro eu sempre penso aí que delícia, estou indo trabalhar. Que orgulho incluir no meu currículo o item de ter

trabalhado com Fulvio e com toda a equipe que participa de A Grande Volta. Um time do qual ele é o grande capitão, e fazer parte dele é o maior presente que eu poderia receber.

Quando o espetáculo termina, nos reunimos para fazer um balanço do que aconteceu, e a vivência que o Fulvio tem como ator e produtor é a nossa bússola. Ponderamos juntos a respeito do que poderia ser melhor, se hoje foi melhor do que ontem, etc. Minha alegria é enorme quando ele diz hoje você esteve muito bom, porque me esforço para ser minimamente capaz de devolver a energia que ele emana em cena para mim. Só desejo que um dia, depois de ter percorrido por mais tempo essa estrada, eu possa chegar a ter, ao menos em parte, a competência e a generosidade desse querido amigo.

177

Rodrigo Lombardi

A Terceira Vez

Alguns anos nos separam da nossa primeira vez quando, para minha surpresa, o telefone tocou e do outro lado era o Fulvio, me convidando para trabalharmos juntos. O espetáculo, tido como um divisor de águas, foi o Meno Male!, e acho que a simpatia que rolou entre nós foi mútua e imediata.

Eu ficava observando o Fulvio da coxia tentando entender como ele conseguia ser tão sedutor e tão engraçado ao mesmo tempo. E ficava ali prestando uma enorme atenção, querendo aprender como fazer o público rir, querendo lições do seu domínio da cena e da sua simplicidade. Eu buscava compreender o incompreensível, porque este tipo de preciosidade se chama talento inato.

178

O telefone tocou outra vez. O espetáculo agora se chamava Até que o Sexo nos Separe, e essa foi a nossa segunda vez. Nela, Fulvio reinava soberano com o conhecimento e a sabedoria do ator que tem o ofício nos gestos, palavras, olhares, e, principalmente, na alma.

Viajamos pelo Brasil, tivemos momentos incríveis. Entre eles, os vividos no teatro São Pedro, em Porto Alegre, com plateia explodindo em aplausos inesquecíveis. Ou em Florianópolis, com mil pessoas gargalhando em uníssono e nos dando o carinho maior que o ator espera, o reconhecimento do seu trabalho.

Por essas e outras, só tenho a agradecer. Agradeço também pela simplicidade com que Fulvio sempre me acolheu, mais um reflexo do quanto ele é grande. Fulvio, Vera, Fulvinho e Leo me receberam e me fizeram sentir em família, uma

*sensação que tenho sempre que estou com vocês.
Contar com essa amizade me deixa muito feliz.*

*Espero que o velho ditado italiano esteja certo:
Non c'e due senza tre, ou seja, não há dois sem o
três. Então, que venha logo a nossa terceira vez!*

Sandra Mara

Constante Presença

*A Venerável Madame Goneau, Meno Male!,
Procura-se um Tenor, Sua Excelência, o Can-
didato, Mar del Plata, Buenos Aires, quantas
lembranças, quantas risadas, quantas viagens,
quanto sucesso...*

179

*A amizade já vinha de muitos anos, TV Tupi,
Record, Bandeirantes, a luta pela volta à Demo-
cracia, e nós sempre juntos, Vera, Fulvinho e Leo,
uma amizade que o tempo não destrói.*

*Se ficamos à vezes fisicamente longe, as almas
dos amigos estão sempre perto.*

*Agradeço por termos vivido juntos esse tempo
que não se esquece jamais.*

Sérgio D'Antino



Retrato

Cronologia

2010

- ***A Grande Volta***. Dir. Marco Ricca

2004/2007

- ***Até que o Sexo nos Separe***. Dir. de José Renato (atuação e produção)

2003

- ***A Peça sobre o Bebê***. Direção: Aderbal Freire Filho.

1997/2001

- ***Caixa Dois*** de Juca de Oliveira. Direção: Fauzi Arap (atuação e produção).

181

1995

- ***Batom*** de Walcy Carrasco (atuação e produção).

1994

- ***Sua Excelência, o Candidato***. Dir.: Bibi Ferreira (atuação e produção).

1992/1993

- ***Tapas e Beijos*** (atuação e produção).

- ***Procura-se um Tenor*** de Ken Ludwig – Direção de Bibi Ferreira.



Em A Grande Volta. com Rodrigo Lombardi



Em Caixa 2, com Juca de Oliveira, Suzy Rego, Cassiano Ricardo, Cláudia Mello e Petrônio Gontijo



Em Batom, com Luis Gustavo



Na peça Sua Excelência, o Candidato



Tapas e Beijos, com Angelina Muniz e Silvia Bandeira

BAMERINDUS

apresenta

JUCA DE OLIVEIRA • FÚLVIO STEFANINI

na comédia de Ken Ludwig



PROCURA-SE UM TENOR

TRADIÇÃO DE GLAUCO MIRKO LAURELLI • REVISÃO E ADAPTAÇÃO DE JUCA DE OLIVEIRA

com:

**SUZY RÊGO • NELSON BASKERVILLE
NINA DE PADUA • ANALY ALVAREZ**

participação especial de:

DÉBORA DUARTE e FRANCARLOS REIS

direção de

BIBI FERREIRA

produtores

Sérgio Famá D'Antino e Glauco Mirko Laurelli

2ª Edição

Procura-se um Tenor: *programa*



Em Procura-se um Tenor, *com Juca de Oliveira*

1987/1991

• ***Meno Male!*** Dir. de Bibi Ferreira. (cinco anos) (atuação e produção).

1986

• ***Grita Paixão.*** Direção de Maurice Vaneau (atuação e produção).

1984

• ***Uma Cama para Três.*** 2ª versão. Direção de José Renato.

1981

• ***Não Abra pra Ninguém depois da Meia-Noite.*** Direção de Geraldo Queiroz (atuação e produção).

1980

• ***A Venerável Madame Goneau.*** Dir.: Gianni Ratto (atuação e produção).

1978

• ***Tem um Psicanalista em Nossa Cama.*** Direção de Odavlas Petti.

1977

• ***A Cinderela do Petróleo.*** Direção de João Bethencourt.

1976/1975

• ***Feira do Adulterio.*** Direção de Jô Soares (atuação e produção).



FULVIO STEFANINI

CLEO VENTURA

em

Grita
PAIXÃO

Em Grita Paixão, com Cleo Ventura



A "Senhora Francesa" que já enlouqueceu S. Paulo
e congestionou os troncos da Telesp,
tem a grata satisfação de convidar V.Sa. para a estréia de



A
Venerável
Mme.
Goneau

de João Bethencourt

no dia às 21 horas no Teatro Paiol.
Rua Amaral Gurgel, 164 – Tels.: 221-2462/223-0764

Obs.: Trocar este convite por dois ingressos até às 20 hs.

Cartaz de A Venerável Mme. Goneau



Na peça A Cinderela do Petróleo



Em A Feira do Adultério, com Jô Soares e Arlete Sales

1966

- ***O Versátil Mr. Sloane.*** Direção de Antonio Ghigonetto.

- ***Oh! Que Delícia de Guerra.*** Direção de Adhemar Guerra.

1966/1965

- ***Quem Tem Medo de Virgínia Woolf.*** Direção de Maurice Vaneau.

1963

- ***A Idade dos Homens.*** Direção de Egydio Eccio.

194

1962

- ***Toda Donzela Tem um Pai que é uma Fera.*** Dir. de Benedito Corsi.

1961

- ***O Bezerro de Ouro.*** Direção de Egydio Eccio.

1960

- ***As Feiticeiras de Salem.*** Direção de Antunes Filho.

- ***Uma Cama para Três.*** 1ª versão. Direção de Nydia Licia.



Na peça O Versátil Mr. Sloane, com Ruth Escobar



Uma Cama para Três, com Alceu Nunes e Jaqueline Mirna





Uma Cama para Três, com Alceu Nunes e Jaqueline Mirna

Participação no conjunto Jograis de S. Paulo com apresentações em diversas cidades do Brasil e recitais no México em língua espanhola.

1959

- *Três Anjos sem Asas*. Direção de Sergio Cardoso.
- *Oração para uma Negra*. Direção de Nydia Lícia e Wanda Kosmo.
- *O Soldado Tanaka*. Direção de Sergio Cardoso.
- *A Raposa e as Uvas*. Direção de Bibi Ferreira.
- *Retrato de Madona* de Tennessee Williams.

199

1958/1957/1956

- Participação como figurante em diversos programas da TV Tupi.
- *Urashima Taro*. Teatro infantil. Direção de Ivone Hirata.
- *A Noite de Natal*. Teatro adulto. Direção de Hélio Quaresma.

1955

- Início da carreira – aparições em TV no *Teatro da Juventude* na TV Tupi. Direção de Julio Gouveia.

ADMIRAL

Refrigeradores

Televisores

Condicionadores
de Ar

DISTRIBUIDOR NESTA CIDADE:

CASA

DO

AGRICULTOR

RUA 15 NOVEMBRO, 697

Sociedade de Teatro de Pelotas

APRESENTA

**OS JOGRAIS
DE SÃO PAULO**

COM

ANA MARIA NABUCO

EM

“RITMOS E CÔRES”

Direção e Roteiro de Ruy Affonso

1ª PARTE

- I — ABERTURA
- II — TERRA A VISTA
- III — ANCHIETA
- IV — SUITE DE PASSAROS
- V — CICLO NEGRO
- VI — A TODO VAPORE
- VII — Recife, Sempre Recife

2ª PARTE

- I — SEGUNDO IMPERIO
- II — MARACATU
- III — CANTAR OU DEZER
- IV — MOMO COBOADO
- V — SE SÃO SAPOS...
- VI — ETERNO MAR

Pelotas, 1.º Junho de de 1964

Salão de Conservatório de Música

Exposição de
Móveis

FRANCK

Uma Maravilha em
côres e estilo

Copas Fôrmicas
Conjuntos para
Escritório

FRANCK

FABRICA

O QUE

VENDE

LQJL: 15 de Novembro, 882
Fone 6253

FABRICA: Dezj. Constant. 20
Fone 5426

Jograis de São Paulo: apresentação em Pelotas, 1964

Novelas

TV Excelsior

1967

- *Os Tigres*

1966

- *As Minas de Prata*

- *A Grande Viagem*

1965

- *Em Busca da Felicidade*

1964

- *Eu Quero Você*

1963

- *A Outra Face de Anita*

TV Record

1998

- *Estrela de Fogo*

1971

- *Quarenta Anos Depois*



Nos estúdios da TV Excelsior, com Percy Ayres e Romeu Sanches

1970

- *As Pupilas do Sr. Reitor*
- *Os Deuses Estão Mortos*

1969

- *Algemas de Ouro*

1968

- *A Última Testemunha*

TV Tupi

1978

- *Roda de Fogo*

1972

- *Bel-ami*

TV Cultura

1982

- *O Tronco do Ipê*
- *Iaiá Garcia*

SBT

1995

- *Razão de Viver*



Boletim Informativo - Ano 12 - Nº 212 - 07 a 13 de Janeiro de 1996

A black and white portrait of actor Fulvio Stefanini. He is smiling and looking slightly to the right of the camera. He has dark hair and is wearing a light-colored, short-sleeved button-down shirt with a dark floral pattern. The background is a plain, light color.

**Fulvio Stefanini
volta às novelas em
"Razão de Viver"**

Em Razão de Viver, SBT

1990

- *Brasileiras e Brasileiros*

TV Globo

2009

- *Caras e Bocas*

2007

- *Duas Caras*

2007/2006

- *Pé na Jaca*

2005

- *Alma Gêmea*

2003

- *Chocolate com Pimenta*

2000/2001

- *Porto dos Milagres*

1999

- *Suave Veneno*

1994

- *Pátria Minha*

1984

- *Um Sonho a Mais*

1983

- *Eu Prometo*

1975

- *Gabriela*

1974

- *Fogo Sobre Terra*

1973

- *Carinhoso*

206

TV Bandeirantes

1981

- *Renúncia*

- *Campeão*

1980

- *Cavalo Amarelo*

- *Imigrantes*

1979

- *Cara a Cara*

Filmes

2008

- *Cabeça a Prêmio* de Marco Ricca

2006

- *Caixa Dois* de Bruno Barreto

2005

- *Boleiros 2* (participação) de Ugo Giorgetti

2004

- *Eliana e o Segredo dos Golfinhos* de Eliana Fonseca

207

1984

- *Quincas Borba* de Roberto Santos

1982

- *Retrato Falado de Uma Mulher sem Pudor* de Hélio Porto.

Especiais

1982

- *O Santo Milagroso, Alice, Alice* e etc.

Programas variados

2007

- Apresentação da última temporada de *A Família Soprano* para a HBO gravada em Nova Jersey

1976

- *O Planeta dos Homens* e etc.

1966

- *Os Galãs Atacam de Madrugada*

Rádio

1970

- 208
- *Programa Bom-Dia com Fulvio Stefanini*. Rádio Jovem Pan.

Locuções

Nestlé (Nescafé/Leite Ninho), *Folha de S.Paulo*, Bauducco, Nivea, *O Estado de S.Paulo*, Motorola, Conhaque Domus, Banco AGF, Volkswagen, Laboratório Achè, Itaú, Intelig, Olympikus, Metrô e etc.

Narração

- *Pelé Eterno*

Comerciais

Kolynos, Antárctica, Gillette, Paviflex, Casa Fortaleza, Casas Fernandes, Auto Tour, Vasp, Fiat, Pão de Açúcar, Roque Seabra, Le Postiche, Ita, Tabacow, Tapetes Bandeirante, Decorflex, Vicunha, Expresso Pizza, Amazonas Veículos, JH Santos (P. Alegre), Center Castilho, Tecnosul, WW Dellano e muitos outros, não só em São Paulo mas por todo o Brasil e até no Exterior como o lançamento da Pepsi-Cola em Portugal e comercial para a Casa Fortaleza gravado em Nova York.

209

Principais Prêmios

2009

- ***Cabeça a Prêmio*** – Menção Honrosa – Melhor ator – Festival Cinema do Rio de Janeiro

2005

- ***Alma Gêmea*** – Prêmio APCA – Melhor ator de televisão

1968

- ***Caixa Dois*** – Prêmio Shell – melhor ator de teatro

1965

• **Virginia Woolf** – Troféu Revista do Rádio – Ator coadjuvante – teatro

1964

Troféu Imprensa – Revelação de ator de televisão

Nesta edição

OS MELHORES DE
64 NO RIO E S. PAULO



Cr\$ 80.-

N.º 34

1 a 15

Jan./1965

•

FLORA
GENÍ

•

FULVIO

•

JAIR

RODRIGUES

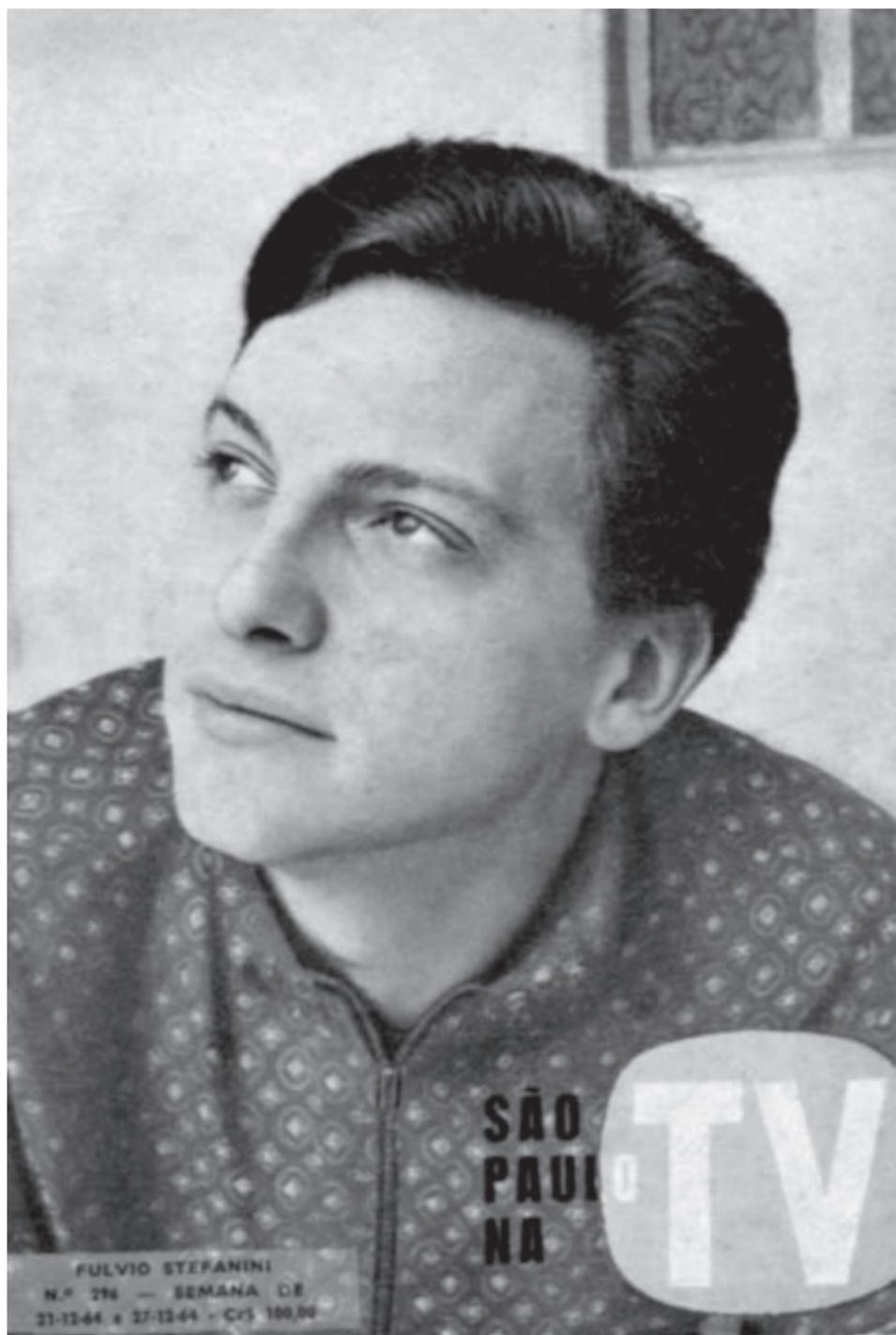
•

KILDARE

NO RIO EM

FEVEREIRO





FULVIO STEFANINI

N.º 296 — SEMANA DE
27-12-64 a 3-1-65 — Cr\$ 100,00

SÃO
PAULO
NA

TV

Revista São Paulo na TV, 21/12/1964

N.º 343 — SEMANA DE
8-11-65 a 14-11-65 - Cr\$ 150

FULVIO STEFANINI

TV
SÃO PAULO NA

Cortezia
DO
EDITOR

Revista São Paulo na TV, 08/11/1965

inTervalo



**ZE SANTA CRUZ,
conquistador
controlado
pela esposa**



**QUEM FICA
COM O DINHEIRO
DE RITA PAVONE?**



**VIDA DE
FÚLVIO STEFANINI
em fotos**

A GRANDE PAIXÃO DE CASTRINHO



Cr\$ 150

PROGRAMAS DA SEMANA — De 14 a 20 de março de 1965

PROGRAMAÇÃO DE TV

GRÁTIS

AMIGÃO

Fúlvio
Stefanini
fala do
amor de Téo
por Pepita

Conheça a
família do Dr.
Fábio de
Coração Alado

Brasil vai
ver ao vivo o Festival
Ibero-Americano
da Canção

N.º 549 • NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

bloch

ESCOLAR

Rachel da Queiroz e o tempo



Revista Amiga, 11/09/1973

COLE NOS CUPONS

RECORDS F

amiga

TV TUDO

Fúlvio
Stefanini
não quer
mais saber
de casar

CENSURA

pode
complicar o
amor de Ney
Latorraca

Regina
Duarte nua
no cinema
fala de amor

Wilza Carla
ainda vive o
seu drama

DESACONSELHÁVEL PARA MENORES DE 16 ANOS

FOFOCA

Mulher deixa
Raul Gil

LAURO CORONA
CONQUISTA MESMO
MALU MADER



GRÁTIS
Discos do
Menudo

blöch

N.º 782 / Cr\$ 5.000

Revista Amiga, 02/05/1985

Este é um presente especial de **ILUSÃO** para você.

O ÁLBUM DO ÍDOLO



FÚLVIO STEFANINI

Revista Ilusão, Álbum do Ídolo

contigo



Foto de Paulo Salsimão

FÚLVIO STEFANINI

Revista Contigo, retrato



Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Apresentação – Nilu Lebert	11
Encontro Marcado com a Arte	19
Um Passo Além	37
A Outra Margem do Rio	61
Tempo de Comédias	101
Nas Asas da Canção	113
Telas Grandes	129
Águas Passadas	135
Novos Tempos	149
Depoimentos – Ele por eles	157
Cronologia	181

Crédito das Fotografias

Ary Brandi 105, 192

Cedoc/Rede Globo 83, 84, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 99

Djalma Limongi Batista 102

Editora Abril 67, 68, 69

Freddi Kleeman 77, 78, 195

João Caldas 14, 20, 21, 183

Miro 126

Serginho Massa 122

Vava/RTB 109

Demais fotografias pertencem ao acervo de
Fúlvio Stefanini

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

***Ana Carolina – Ana Carolina Teixeira Soares –
Cineasta Brasileira***

Evaldo Morcazel

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert
e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antes Que o Mundo Acabe

Roteiro de Ana Luiza Azevedo

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos
Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Inácio Araújo – Cinema de Boca em Boca: Escritos Sobre Cinema

Juliano Tosi

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção: Os Anos do São Paulo Shimibun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

É Proibido Fumar

Roteiro de Anna Muylaert

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Ano Velho

Roteiro de Roberto Gervitz

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

Jeremias Moreira – O Cinema como Ofício

Celso Sabadin

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jogo Subterrâneo

Roteiro de Roberto Gervitz

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Leila Diniz

Roteiro de Luiz Carlos Lacerda

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran

Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Ozualdo Candeias – Pedras e Sonhos no Cineboca

Moura Reis

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Radiografia de um Filme: São Paulo

Sociedade Anônima

Ninho Moraes

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Roberto Gervitz – Brincando de Deus

Evaldo Mocarzel

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Luis Arrieta – Poeta do Movimento

Roberto Pereira

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Claudette Soares – A Bossa Sexy e Romântica de Claudette Soares

Rodrigo Faour

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Bivar – O Explorador de Sensações Peregrinas

Maria Lucia Dahl

A Carroça dos Sonhos e os Últimos Saltimbancos

Roberto Nogueira

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Jefferson Del Rios – Volume I –

Crítica Teatral

Org. Jefferson Del Rios

***Críticas de Jefferson Del Rios – Volume II –
Crítica Teatral***

Org. Jefferson Del Rios

***Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e
Uma Paixão***

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Antonio Bivar: As Três Primeiras Peças

Antonio Bivar

O Teatro de Eduardo Rieche & Gustavo Gasparani – Em Busca de um Teatro Musical Carioca

Eduardo Rieche & Gustavo Gasparani

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Marici Salomão

Marici Salomão

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Rodolfo Garcia Vasquez –
Quatro Textos e Um Roteiro***

Rodolfo Garcia Vasquez

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Antônio Petrin – Ser Ator

Orlando Margarido

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Aurora Duarte – Faca de Ponta

Aurora Duarte

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Carmem Verônica – O Riso com Glamour

Claudio Fragata

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Dionísio Azevedo e Flora Geni - Dionísio e Flora:

Uma Vida na Arte

Dionísio Jacob

Ednei Giovenazzi – Dono da Sua Emoção

Tania Carvalho

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Haydée Bittencourt – O Esplendor do Teatro

Gabriel Federicci

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Jece Valadão - Também Somos Irmãos

Apoenam Rodrigues

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Laura Cardoso – Contadora de Histórias

Julia Laks

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Marlene França – Do Sertão da Bahia ao Clã

Matarazzo

Maria Do Rosário Caetano

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miguel Magno - O Pregador De Peças

Andréa Bassitt

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Norma Blum - Muitas Vidas: Vida e Carreira de Norma Blum

Norma Blum

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tania Alves – Tania Maria Bonita Alves

Fernando Cardoso

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

*Tonico Pereira – Um Ator Improvável,
uma Autobiografia não Autorizada*

Eliana Bueno Ribeiro

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dicionário de Astros e Estrelas do Cinema Brasileiro

Antonio Leão

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira – TV Excelsior 2ª Edição

Álvaro Moya

As Grandes Vedetes do Brasil

Neyde Veneziano

Ítalo Rossi – Ítalo Rossi, Isso é Tudo

Antônio Gilberto e Ester Jablonski

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Lilian Lemmertz - Sem Rede de Proteção

Cleodon Coelho

Marcos Flaksman – Universos Paralelos

Wagner de Assis

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias

Gomes – História de um Personagem Larapista e Maquiavelento

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Lebert, Nilu

Fúlvio Stefanini: abrindo as gavetas / por Nilu Lebert – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. 248p. : Il. – (Coleção aplauso. Série perfil/ coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978-85-7060-913-7

1. Atores e atrizes cinema – Brasil - Biografia 2. Atores e atrizes de teatro – Brasil - Biografia 3. Atores e atrizes de televisão – Brasil - Biografia 4. Stefanini, Fúlvio, 1939 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores e atrizes brasileiros : Biografia :
Representações públicas : Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Ana Lúcia Charnyai Fernanda Buccelli
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 248

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

Nos palcos e nas telas há mais de cinco décadas, Fulvio Stefanini é um artesão de tipos inesquecíveis. Seus trabalhos no cinema, teatro e televisão renderam-lhe diversos prêmios da crítica especializada e de um público fiel. Criador de tipos inesquecíveis como o galã Tônico Bastos (na novela *Gabriela*), Fulvio é um verdadeiro artesão de personagens – nos quais imprime uma humanidade capaz de torná-los íntimos do espectador. Como alguns exemplos disso, basta lembrar suas interpretações: na peça *Meno Male* e *Caixa Dois* (peça e filme), nas novelas *Alma Gêmea*, na qual viveu o inesquecível sapateiro Oswaldo, em *Chocolate com Pimenta* (como o prefeito Vivaldo Albuquerque), ou ainda em *As Minas de Prata*, no papel de Estácio Correa.



O desafio constante de transmitir ao público emoções contraditórias incorporando heróis, vilões, empresários, políticos, galãs, além de uma série de outros personagens complexos, transformou Stefanini numa espécie de mágico, sempre pronto a tirar surpresas da sua imaginária cartola. Mais do que isso: ele desenvolveu um tipo de "mediunidade" que o tornou capaz de dar credibilidade aos personagens. Segundo Gerald Thomas, em crítica publicada no *Jornal do Brasil*, "Stefanini faz com serenidade uma transição mefistofélica e manipula o jogo cênico sem o menor esforço (aparente). E as várias camadas que esse homem é capaz de transmitir ao mesmo tempo é que me pegou. Basta ser diretor para saber o esforço que é fazer aquilo "sem esforço". Fulvio joga com seus opositos, e isso é preciosismo".



Neste livro da jornalista Nilu Lebert (que fez para a Coleção as biografias de Sergio Viotti e Beatriz Segall), você vai conhecer o ator fora da cena artística, vai participar da sua vida familiar e do seu empenho como cidadão. E ainda vai descobrir, nesse depoimento, sem censura, o homem determinado a exercer sua cidadania, em proteger os animais e em defender valores hoje frequentemente desprezados.



Mais um lançamento da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu projeto de resgatar e de preservar a memória cultural do Brasil.

